economia da cultura digital /

O deslocamento dos objetos para o horizonte do interesse e tal fixação do interesse sobre os inobjetos não têm paralelo na história da humanidade. Isto é sumamente incômodo: de que forma, sem termos exemplos, imaginar como será a vida de quem manipula informações, códigos, símbolos, modelos e despreza objetos? Que tipo de gente será ele? Que tipo de vida será essa?

Vilem Flusser, 1991

Quanto mais um programa é pirateado, mais provavelmente ele se tornará um padrão. Todos esses exemplos apontam para a mesma conclusão: a distribuição não-comercial de informação aumenta a venda de informações comerciais. A abundância gera abundância. Isso é exatamente o contrário do que acontece numa economia física. Quando você vende substantivos, existe uma relação inegável entre a raridade e o valor. Mas, numa economia de verbos, vale o inverso. Existe um relacionamento entre familiaridade e valor. Para ideias, fama é fortuna. E nada torna você famoso mais rapidamente do que uma audiência que quer distribuir o seu trabalho de graça.

John Perry Barlow, 2000

It's free because it's yours.

Diggers, 1968

conhecimento
cultura
processo
processos
pessoas
deslocamento
dinheiro
gente
internet
acesso
bens
coisa
atividade
colocar
diversos
editoras
cultural
editora
educação
economia
digital
hoje
interesses
pesquisa
maneira
livro
problema
pagar
porque
produção
sistema
ser
produz
ter
todo
trabalho
trabalha
sociedade
remuneração
visão
valor
vai
textos
tempo
produto
população
conectividade
empresas
colaborativa
criativa
base
área
apenas
acho
assim
alguma
dá
ano
alunos
autor
chamado
Agora
computador
conceito
básico
cima
coisas
caso
culturais
dentro
dois
desse
disponibilizar
espaço
dólares
geral
formas
físico
Então
financeira
exemplo
fato
impedir
outros
grandes
invés
existem
evolução
intermediários
interessante
medo
gera
ponto
intermediário
Japão
ondas
possibilidade
jurídica
passo
onde
mundial
parte
livre
perfeitamente
música
pedágios
pessoa
ninguém
precisa
pode
mundo
online
serviço
podem
possível
século
seguinte
sobreviver
rua
toda
professor
site
propriedade
Prospect
questão
tipo
tecnologias
tentar
transformação
tipos
software
vida
relações
texto
serviços
trabalho
viável
hoje
economico
faz
dia
etc
eletromagnéticas
enfim
dar

Ladislau Dowbor

economista

Qual é o impacto do digital nos processos culturais?

O impacto básico é um deslocamento sísmico da cultura que se recebe para a cultura que se faz. Com a conectividade que se gera, há uma volta ao que era antigamente, onde se fazia pintura, se fazia música em casa, enfim, a atividade cultural era das pessoas, não era uma coisa que você senta no sofá, aperta o botãozinho e assiste. Você volta a ser um agente de cultura. Quer dizer, o fato de você não precisar passar por um grande intermediário e assistir todo mundo a mesma coisa e então poder participar do processo cultural é resgatar a dimensão de criatividade que há dentro de cada um de nós. Esse é um deslocamento radical. Isso significa um deslocamento também do que é chamado de indústria cultural, que era a cultura apropriada por grandes intermediários, que escolhiam o que seria acessível ao público.

Isso opera um deslocamento também econômico, não é?

Nós estamos acostumados a um modelo econômico em que você produz bens físicos pelo mercado, vende, recebe dinheiro e produz mais bens. É a economia do século passado. Hoje estamos nos deslocando para uma economia onde a produção física tem muito menos importância no processo de valoração. Tipicamente, num produto, hoje, quando você paga 100 reais, você

está pagando 25 pelo produto e 75 pela pesquisa, pelo *design*, pelo sistema de comunicação, pela divulgação etc. Quando o conhecimento se torna o principal elemento de valor de um produto determinado, as relações mudam. Se eu passo a minha caneta para você, eu deixo de ter a minha caneta, certo? Portanto, eu tenho o problema da propriedade. Mas se eu passo o meu conhecimento, eu continuo possuindo ele. Se eu passo a minha música para você, eu continuo tendo acesso a ela. O meu acesso é livre, e o seu acesso vai ser livre também. E tem mais: quanto mais se generaliza o conhecimento, quando o conhecimento é a base do valor que a gente produz, mais toda a humanidade enriquece. Donde a evolução nossa, em geral, para processos colaborativos, não por algum sonho idealista, mas porque a economia do conhecimento se consome assim. Quem já fez pesquisa, quem trabalha em universidade, quem trabalha até em pesquisas em empresas, coisas assim, sabe que essa visão de trancar tudo em copyright e patentes simplesmente está trancando o conhecimento em cubículos, quando o conhecimento se enriquece em processos interativos de pesquisa. A cultura nós estudamos na linha dos bens imateriais. Esse é um ponto de interrogação para todos os economistas, porque estão acostumados ao raciocínio do século XX. Eu produzi um sapato, me custou tanto. Vendi por esse tanto e mais um valor, isso gera o meu lucro. Isso a gente entende. E quando o valor é um bem cultural? O desafio que está se colocando é o deslocamento da remuneração. Pegue as grandes editoras que dizem: "Não se disponibilizar online, a gente vai perder dinheiro." É bobagem. Diziam que a televisão ia matar o cinema, que o computador ia matar a televisão – e essas coisas. Não. Nós temos um processo de enriquecimento geral da dimensão do conhecimento de todas as atividades, e isso envolve diversos tipos de meios, de instrumentos de comunicação. O problema do processo de valor que acompanha a atividade criativa à remuneração da economia criativa, eu colocaria na linha do deslocamento. A IBM produzia computadores, e o computador não dá mais dinheiro. Ou seja, é um dado... Eles se deslocaram para produzir software. O software, claramente, está evoluindo para software livre que você baixa ou utiliza quando precisa, na internet, e ponto. O que eles fizeram? Se deslocaram para prestação de serviços especializados na área de arquitetura de informação. Não é preciso trancar na base de patentes, copyright etc. e tentar impedir a evolução das tecnologias. Pelo contrário, as instituições é que têm que se adaptar às novas tecnologias, e não tentar impedir o acesso.

Até porque é impossível...

Eles podem conseguir segurar algum tempo. Mas a mudança já está acontecendo. Há 10 anos, se não houvesse uma editora que colocasse meus livros na praça, ninguém conheceria minha pesquisa. Hoje, uma editora tentar impedir de eu disponibilizar a minha pesquisa é um absurdo. Quer dizer, qual é a utilidade dela atualmente? Vamos pensar o meu caso. O livro *Democracia econômica*, que em si já lida, desde o título, com isso, foi colocado online no mesmo dia em que enviei via computador, pela internet, o original para ser editado. A editora levou um pouco mais de um ano para colocar na rua mil e poucos exemplares. Até sair na rua, downloads, só no meu site foram mais de 8 mil. Isso não significa a morte da editora, pelo contrário. Se a pessoa ler meia dúzia de páginas, se interessar pelo livro e considerar que ele é útil, ela vai comprar o livro físico. Isso está reforçando a compra.

Mas tem um segundo ponto: é vital para a cultura ser um processo de cruzamento de criatividade interculturas, interpessoas, interdisciplinas, é preciso que haja disponibilização online, para ser possível colocar na internet a palavra chave, definir meu universo de pesquisa e acessar, em torno de um tema, o cruzamento da visão de um antropólogo, do economista, do jurista, de várias áreas. Isso é vital, porque não é só ter acesso aos produtos, é poder cruzar a riqueza de diversos enfoques que diversos agentes culturais criam.

Agora, uma editora não é só a edição livro físico. Uma editora, com um trabalho sério, é o primeiro diálogo da formação do texto. Ela trabalha na construção do texto com o autor, ou na pesquisa. É uma primeira leitura crítica. Há um perigo na internet, da supressão de diálogos.

Deixa eu colocar o seguinte: isso está gerando contradições dentro das editoras. Há brigas entre o administrativo, o jurídico e o editorial, que complicam essa situação. Mas acredito que as editoras mais inteligentes e interessadas estão começando a entender a necessidade de mudanças. Afinal, o que é o mais importante? A disponibilização dos textos para as pessoas poderem ler. Ponto um. Ponto dois: o autor tem que estar protegido porque ele que criou as ideias. Em terceiro lugar, o esforço que as editoras fizeram para colocar esse livro na rua. É um equilíbrio de interesses, mas que não pode suprimir o acesso do público ao livro.

Como você vê o deslocamento da produção para o serviço como tem acontecido na cultura digital?

Há um deslocamento lógico, básico, que é o fato dos diversos signos da cultura se verem desmaterializados. Quando eu dou uma aula, escrevo com o giz. Tem que ter matéria em cima do quadro. Quando a gente transformou as letras desenhadas, as pinturas, numa expressão de zeros e uns, no sistema digital, isso permitiu ancorar todo o conhecimento em sinais magnéticos de apenas uma variação. Luz acesa ou apagada, magnético positivo e negativo, intensidade maior ou menor de focos, o que for. Com isso eu passo a ancorar todo o sistema em ondas eletromagnéticas que viajam na velocidade da luz e podem ser estocadas em volumes absolutamente infinitos. Além disso, essas ondas eletromagnéticas são públicas, ninguém é dono delas. Então, a base tecnológica é uma base social – a infraestrutura desses processos – diferentemente de um livro em que você tem que ter comprado a madeira, que foi transformada em papel, enfim, o conjunto do processo da produção de um bem físico. Essa desmaterialização torna possível a conectividade planetária de todo o conhecimento acumulado. Dessa forma, a transformação que atinge o chamado intangível, como chamamos em economia, hoje vem atingindo a cultura, está atingindo a forma de produzir e divulgar música, filmes, escritos científicos etc. É um deslocamento da conectividade planetária. Como os diversos atores vão se inserir nesse processo, isso vai depender dos vários segmentos. Eu acho que vão encontrar outros tipos de formas de remuneração do esforço. O essencial é que o conhecimento não está mais apenas na minha cabeça (eu, como professor). O conhecimento é um acúmulo social planetário e está disponível nas ondas eletromagnéticas. Então, da mesma maneira como a cultura muda, de forma geral (no seu conceito organizacional e econômico), a educação vai ter que mudar. A educação é outra área que está parada no tempo, com o que o professor conhece e transmite para alunos, escrevendo em cima da lousa. Então é assim: está gerando um sentimento de frustração nos 60 milhões de pessoas, que são alunos, professores e administradores de educação, no Brasil. Um terço da população mundial hoje está ligado à educação. Não é brincadeira! Isso tudo tem a ver cultura e educação? E como tem! Matéria-prima é conhecimento nas suas diversas formas. De forma geral, eu acho que nós estamos construindo outro continente econômico. Os desenhos desse processo estão apenas chegando. Como se dá hoje o enriquecimento sobre cultura? Em geral não é por parte de quem produz,

mas sim por parte daqueles que conseguem colocar pedágios sobre o processo. A única maneira de colocar pedágios é você impedir que circule – é você ter que pagar para ter acesso. Esse travamento cultural você vai encontrar nos mais diversos subsistemas. Tem gente que paga por um MBA [Master of Business Administration] um monte de dinheiro para ter uma série de conhecimento que está online. Mas ele precisa da confirmação que teve acesso a esse conhecimento. Toda a indústria da educação privada de luxo que se criou, você está dando tipo de um atestado, de uma medalha. Em geral, não corresponde a grande coisa. Eu puxo essa ponte com a educação porque sou professor. Eu disponibilizo produção científica minha na internet, e o meu objetivo é criar uma dinâmica onde as pessoas possam efetivamente ter acesso.

A questão da remuneração do conhecimento tem uma importância básica. Quando a pessoa é remunerada pelo conhecimento, ela pode ter tempo para pesquisar, elaborar, aprofundar. Ao se tirar isso, não há o perigo de obrigar as pessoas a serem dependentes de instituições fomentadoras?

Eu acho o problema da especialização no conhecimento se coloca de maneira diferente. A nossa visão do relacionamento entre os processos culturais e os processos da nossa sobrevivência é basicamente ligada a forma seguinte: você estuda, depois trabalha e depois se aposenta. Esse é o processo. A cronologia da relação com o conhecimento está se deslocando. Grande parte dos meus alunos tem 40, às vezes 50, 60 anos. O que é que eles estão fazendo? Eles estão se rearticulando com dinâmicas de conhecimento das áreas as quais eles pertencem. Essa mudança de cronologia exige que certas pessoas não se vejam obrigadas, para sobreviver, a aprender apertar certo tipo de parafuso e passar a vida apertando esse tipo de parafuso. É perfeitamente viável haver especializações. Mas é destrutivo para o ser humano haver só especialização na vida de uma pessoa. Para mim, a realização de uma pessoa, a chamada qualidade de vida, se manifesta na possibilidade da gente dar expressão às diversas dimensões que nós temos dentro de nós. Todos nós temos dimensões artísticas, científicas, de relacionamento humano, que são também relações criativas, temos capacidades profissionais de diversos tipos que podem se manifestar. A gente tem que dar espaço para a manifestação desses potenciais.

O problema da cultura, então, se desloca para o seguinte: nós estamos mais do que na hora de colocar na mesa a redução da jornada de trabalho. O

que se produz hoje no mundo: 60 trilhões de dólares de bens e serviços ao ano. Dividam isso por 6,7 bilhões de pessoas. Hoje, o que se produz de bens e serviços no planeta, se fosse distribuído com um mínimo de bom senso (e não na loucura que a gente vive), isso daria mais ou menos R$ 5 mil por mês por família de quatro pessoas. Ou seja, o que a gente produz hoje é amplamente suficiente para todo mundo viver de maneira tranquila e com dignidade. Nós temos uma parte da população desesperada por excesso de trabalho. Pessoas que, para sobreviver, matam sua vida. Então, o que está se apresentando é uma possibilidade de se deslocar a atividade cultural de uma atividade, digamos, de gente que possui bens, um verniz cultural dessa gente, para uma visão de apropriação efetiva desse processo pela população. Isso envolve coisas que hoje são evidentes como objetivos. Como a redução da jornada de trabalho. Trabalhar seis horas por dia, por exemplo, ou estender mais um dia por fim de semana é perfeitamente viável em termos econômicos.

Existe a questão do medo, que é totalmente infundada. O medo de ser perder o que nunca se teve, que é o livre acesso à produção e distribuição, e que a internet dá para os artistas. As pessoas falam: "1% de nós conseguiu um contrato com gravadora, tal, e agora nem esse 1%.", mas não percebe que em 99% já estava perdida dessa questão.

Não podemos subestimar a cultura jurídica nesse mundo. A luta que tem os departamentos jurídicos, nas mais variadas empresas, para dar proteção total a toda à propriedade é uma loucura. Isso é empurrado para uma cultura jurídica que quer mostrar que "eu defendi muito bem os interesses da minha instituição", e na realidade ele mata todo o sistema. As pessoas não se dão conta do peso dessa coisa. O custo de intermediação jurídica nos Estados Unidos, só na área empresarial, é da ordem de 370 bilhões de dólares ao ano. E eles dizem: "Olha, a legalidade e a ética de funcionamento da sociedade nós conhecemos. Nós sabemos as leis." É realmente um problema! Os americanos têm 850 mil advogados. O Brasil tem 650 mil advogados. O Japão, que trabalha muito mais na base da palavra e da confiança, tem apenas 14 mil. O Japão vai muito bem, obrigado. É a segunda economia mundial. É interessante. Eles trabalham de maneira muito colaborativa os processos ligados à inteligência. Eu não quero colocar o Japão como modelo, mas eu quero trazer o imenso atraso que a área jurídica gera ao não permitir a evolução da transformação das coisas. Eles tentam cristalizar interesses e, com isso, tendem a

atrasar os processos. De outra maneira, é claro que a força da transformação tende a prevalecer. Eu acho que o procedimento correto é o seguinte: você tinha interesses. É muito mais cômodo você defender os interesses que você tinha, do que evoluir junto com a sociedade e com as tecnologias as novas formas de construir esses interesses. O deslocamento básico, radical, que é o que se estuda como economia criativa, é que uma vez que você gastou o investimento de criar um produto, a utilização desse conhecimento é gratuita. A produção criativa não é um bem físico, que tem que ter propriedade. O ato de produção é uma coisa, o ato de circulação deve ser gratuito e planetário.

E a questão dos custos bancários é outro empecilho. Como pagar um valor por artigo ou por música na internet, se os custos de operação do cartão são mais caros que o valor de compra. Num momento em que as pessoas não querem mais pacotes fechados, isso vira um problema.

Veja bem, você tem o problema dos intermediários financeiros, não é? Eu, por exemplo, poderia disponibilizar textos meus a R$ 5,00. É viável para a maioria das pessoas terem os textos. Ele para fazer um doc eletrônico para me pagar R$ 5,00, ele vai pagar R$8,00 pela operação bancária, porque ninguém pensou, na área financeira, em gerar sistemas inteligentes. Mas existem exemplos interessantes aparecendo. Um professor norte-americano colocou opções no site pessoal e disponibiliza toda a sua produção de graça. Tem as opções no site. Você pode usar os textos através do Creative Commons, gratuitamente. Mas se você quer contribuir para o site, para a produção científica do autor, você pode pagar dois dólares por texto que você busca – e dois dólares não matam ninguém. Uma terceira opção é, relativo ao volume de textos que você baixou, mandar o que você acha que isso vale. Num país como os Estados Unidos, eles descobriu que 70% das pessoas que usam seus textos contribuem com alguma coisa. Quando a remuneração é justa, as pessoas não se opõem. É muito interessante isso, porque quando você vai para a Suíça, ao invés de você ter um profissional perdendo tempo vigiando uma pilha de jornais para vender a um preço ridículo, existem umas caixinhas na rua e você pega o jornal e deposita o dinheiro. E, no fim, o sistema funciona. Se alguém faz um bom serviço, não exige nada, você acaba contribuindo com alguma coisa. Nós temos esse sentimento da reciprocidade nas pessoas. São processos colaborativos. Se sairmos do pagamento extorsivo, por exemplo, das telefônicas, do cheque especial, enfim, de um conjunto de elementos que

nos faz correr o tempo todo atrás de dinheiro, as pessoas não se preocuparam em pagar por um serviço pertinente. Eu trabalho com a visão do deslocamento do paradigma da competição para o paradigma da colaboração. Nunca que a competição vai desaparecer, mas a prática colaborativa pode ser dominante.

O digital potencializa ou fortalece uma sociedade colaborativa em relação à sociedade competitiva?

Eu não tenho dúvida. O fato é que a circulação se tornou gratuita. Por enquanto ainda tem certas coisas que são pagas, porque nós temos resquícios da visão do século passado dos pedágios. Tem gente que fica indignada de ver alguma coisa que circula de graça, mas no caso do conhecimento, é maximizar os usos, é maximizar o acesso, porque esse é um processo cultural, um processo civilizatório. A evolução para a sociedade do conhecimento não garante, mas abre sim a possibilidade de sociedade muito mais democrática.

E a cultura digital está mudando as relações urbanas, também...

O fato urbano é recente para a civilização humana. Hoje, 84% da população mundial é urbana. Há meio século, 2/3 da população era rural. Essa inversão é muito intensa, e ainda precisa ser dimensionada. O que tem de novo na era digital é que antigamente se dizia que um município muito pequeno não era viável culturalmente, não dá para viver, porque é muito isolado, sem interação. Quando você entra na era digital, essa questão não existe mais. O conceito de espaço mudou. Já se falou que o espaço morreu. Na prática, isso desloca as visões. É um deslocamento do conceito da territorialidade. A conectividade permite que territórios antes isolados não precisem de intermediários para sobreviver. Se pensarmos no pessoal do Amapá que trabalha com castanha. Antes, se eles entregavam o produto bruto. Catavam, jogavam no cesto e entregava bruto para atravessador. Agora, foi possível para eles se organizarem em cooperativa, fazerem um acordo com a Universidade de Macapá, que disponibilizou o laboratório de química para triturarem a castanha e extraírem as essências e vendem diretamente para as empresas de perfumaria na França através da internet. Imagina o valor agregado aí.

Eu estou imaginando o humor do intermediário...

Quem está tentando impedir todo esse processo é exatamente a figura do atravessador. É um cara que não produz, mas que vive de cobrar pedágio em

cima da produção dos outros. O que está ocorrendo é um processo de desintermediação. Um exemplo interessante disso está relacionado com o mercado financeiro. Nós sabemos as fraudes generalizadas que existem nos sistemas de intermediação financeira. Agora está explodindo com a crise financeira nos EUA. Todas as empresas grandes tinham caixa dois, falsificação de contabilidade, uso dos paraísos fiscais, evasão fiscal. E de repente um senhor montou um sistema chamado Prospect. Se você tem dinheiro para aplicar, coloca no Prospect que tem esse recurso para emprestar. Aparece gente que precisa do dinheiro, oferece propostas e se acertam. É muito fácil na internet saber quem é quem e assegurar contatos. Isso é um fato novo, a percepção de que a atividade bancária é essencial, o banco não.

Isso é um ponto de interrogação nas mais variadas áreas. O sistema está ruim, funcionando apenas para os investidores institucionais, o sistema da especulação financeira mundial. O dinheiro, ao invés de servir ao financiamento das atividades que geram riqueza, está servindo a processos especulativos. Então há um desvio de dinheiro que não é deles, são poupanças. É nosso dinheiro. No caso do Prospect, o dinheiro de um está servindo a outros, ao invés de enriquecer o intermediário desse processo. Do momento que a gente considera que o que deve ser remunerado é a atividade, e não o intermediário, as coisas mudam. Até que ponto era necessário ter o intermediário, pagar o lucro dele ali no meio? O sistema da troca, que é o que preexistia, digamos, é perfeitamente viável quando você está evoluindo para processos onde a troca é muito fácil tecnicamente. A infraestrutura digital permite o contato direto entre consumidor e o produtor dos mais diversos bens.

cultura
Então
internet
rede
digital
Brasil
grande
processo
comunicação
comunidade
capacidade
cultural
dentro
dessa
aqui
Agora
ambiente
acontece
acima
assim
aí
acho
autor
aberto
cara
coisa
construir
cérebro
cada
comum
controle
desafio
criação
disso
então
existe
dizer
gente
espaço
desenvolvedores
comunidades
desenvolvimento
estados
Estados
fazendo
Estado
grandes
lógica
impedir
faz
livre
hacker
fazer
inteligência
fenômeno
movimento
hoje
informação
governo
ideia
indústria
modelo
importante
lá
interessante
permite
música
liberdade
nada
mesma
problema
pessoas
Porque
necessariamente
nova
importância
questão
organização
maior
mundo
partir
nação
onde
possibilidade
nunca
momento
nesse
open
recombinação
outro
tecnologia
poder
Richard
nessa
redes
pode
política
recombinante
valor
suporte
ter
produção
todo
vamos
Unidos
surge
país
toda
ser
século
sempre
tecnologias
vez
texto
termo
sociedade
vai
vem
Stallman
tudo
saber

Sergio Amadeu

sociólogo

Qual é a sua interpretação, o que você chamaria de cultura digital?

Ah, cultura digital eu gosto de pensar como mais uma forma de falar da cibercultura. Para mim seria um sinônimo. É a cultura que nasce no interior, e a partir da expansão das redes digitais, que faz uma recombinação muito importante, muito interessante da ciência com as artes e tudo o que permite que exista no meio desse processo. Desde o Renascimento, e com a evolução do capitalismo também, você foi tendo especializações. Então todo o mundo industrial é um mundo de especialização, é um mundo de divisão do trabalho intensa. É o mundo da autoria, para poder precificar; é todo o mundo que vai se expandindo como uma produção em grande escala do tipo industrial. Aí o que é que acontece? A partir dos anos 60, com a expansão das tecnologias de informação, você tem uma reversão desse processo. Práticas sociais que eram extremamente marginais ou secundárias, a partir do momento que utilizam essas tecnologias da informação e utilizam estas tecnologias em rede tomam um corpo maior, e nós temos um processo de reversão dessa tendência. Então, tudo o que era separado, especializado, passa a ser unificado na rede. Você tem o fenômeno da tecnoarte, que é um típico fenômeno da cultura digital. É um fenômeno que se utiliza da metalinguagem digital, da capacidade de recombinação de arquivos, da capacidade de retrabalho de toda a produ-

ção simbólica. Então cada vez mais ciência, tecnologia e arte se juntam. Também outras coisas se juntam: a ficção se junta também com as proposições de caráter consistente, científico, acadêmicas. A maior prova disso é o termo "ciberespaço", que nasce de uma obra de ficção e depois penetra em todo um ambiente acadêmico, de pesquisa. Do Willian Gibson, de *Neuromancer*, para a academia. E ninguém é contra aquela expressão para definir esse espaço onde se cria fundamentalmente uma cultura digital, que não se limita efetivamente ao interior das redes. Mas quando você pensa em cultura digital e cibercultura, necessariamente você está pensando num fenômeno que se relaciona com as redes. Então, quando olho, ouço ou penso a cultura digital, eu também penso numa fase da chamada cultura de rede. É basicamente isso.

A cultura digital então está absolutamente atrelada à emergência da rede?

Sim. Ela é ligada às redes que usam a metalinguagem digital, que retiram toda a produção simbólica dos seus suportes, e por isso ela permite tanta recombinação. Então é uma característica básica das redes, que também é avessa a essa lógica pós-Renascentista, que é a característica de você poder juntar, trazer de volta a recombinação, tal como a originalidade do campo legítimo da produção de arte, da produção de cultura, que tinha sido banido. A prática recombinante, para a indústria cultural, foi banida. Ela é banida a partir do momento que você precisa construir uma lógica mercantil da cultura. Então aquilo que é o estilo basicamente comunitário, comum de uma dada região. Para falar como surge o jazz, o que é preciso fazer? Você tem que começar a especializar os caras que tocam jazz, especializar cada um na sua função. Você precisa dar, cada vez mais, uma lógica de individualidade, de autoria. Você faz isso e a partir desse momento você pode começar a dizer que é importante para a cultura aquele fenômeno que é vinculado à genialidade, e essa genialidade se expressa basicamente numa coisa que é quase mística. "Eu crio porque eu sou genial". Eu não tenho nenhum contato com a cultura, ou esse contato é extremamente secundário. Isso acontece também na ciência, mas menos. É tipicamente das artes, porque as artes foram empacotadas e transformadas em mercadorias, e aí você precisa claramente criar uma figura que é acima da cultura, acima do comum, acima da produção coletiva. E essa figura é o autor, que é genial e que cria uma obra completamente original, sem precedentes. Então a indústria cultural está sempre atrás disso. Isso

é uma invenção de um processo que acontece no final do século XIX. E que quando surge a reprodutibilidade técnica da música, a capacidade de gravação da música em um suporte, você tem na música o efeito que aconteceu com a palavra e com o texto quando se inventou a prensa de tipos móveis. A imprensa foi vital para alfabetizar as pessoas, ter uma massa enorme de textos. Agora, imaginem antes da gravação da música num suporte, da capacidade da gravação, imaginem como era a vida das pessoas, a vida musical das pessoas? Não existia! Você podia, no século XIX, nascer e morrer sem nunca ter ouvido uma música, a não ser a cantada pela sua mãe. Nunca. Então isso não existe. O século XX, o século dessa indústria cultural, vai popularizando isso. Agora, para fazer isso, ele teve que transformar um conjunto de bens que eram coletivos, culturais, em únicos, em coisas originais de autor. Bom, então eu tenho que garantir tudo isso com um sistema jurídico.

Senão fica que nem passarinho. É de quem pega, como diz o Donga sobre o samba.

Então. Esse processo é interessante porque depois ele vai se sofisticando, não é? Por exemplo, o cara que criou o samba, não justamente ele criou para vender. A pessoa que tocava um instrumento ou tocava uma música, ele não fazia isso para vender. Então você tem um conjunto de ideias que foram hegemônicas durante todo o século XX, até a emergência da rede. Por que eu digo isso? Porque quando a rede liberta o texto do suporte papel, liberta a música do suporte vinil, liberta a imagem do suporte ali da película, o que você tem? Você tem aquilo o que sempre foi: criações. Quando aquilo vai para a rede, você tem não só uma capacidade de convergência desses símbolos, desses ícones, de toda essa produção, mas tem a possibilidade de fazer com que aquilo retorne ao ambiente comum da cultura. Você recombina tudo. Então, a rede, a metalinguagem digital é recombinante, ela é tendencialmente recombinante. E isso causa quebras na ideia de autoria. Por exemplo, os Machinimas, que é o quê? O cara pega um game e ele, ao invés de jogar, usa o ambiente daquele game (que era pra fugir, lutar, combater) para contar uma história. Ele cria uma história dentro daquele ambiente. A pergunta que eu faço é: quem é o autor daquilo? A empresa, que fez o ambiente? O cara? A combinação dos dois? Aquele que remixa aquilo e depois dá um tratamento diferenciado, estético e 2D, porque antes era 3D? Quem é que o autor, afinal? Sem dúvida que está ocorrendo um processo do que é coletivo, do que é comum. O que não significa que não exista a participação do indivíduo nesse

processo. Isso é impossível de você negar, uma vez que você teve um período que criou esta construção social chamada indivíduo. Não tem jeito de você dizer: "O indivíduo não tem um papel nesse processo." Só que o que a rede faz? Ela fala: "Indivíduo, você é limitado dentro desse processo. A sua criação é necessariamente coletiva." A cultura é, necessariamente, coletiva. E a cultura é feita dessa forma. Nós, numa fase histórica, tivemos que dizer que isso era extremamente relevante. A relevância estava no autor e no gênio, que pode existir e que existe. Mas espera aí! Você está dentro de um contexto, então os grupos são importantes nesse sentido coletivo. A rede retoma isso. A rede permite que essas práticas se manifestem, e permite que a gente retome alguns termos que eram aplicados num contexto completamente diferentes. Por exemplo, o termo comunidade. Tem um contraponto muito forte na sociologia entre comunidade e sociedade. Comunidade é aquele ambiente onde eu tenho uma relação mais intensa, em geral face a face, o laço é muito forte. E a sociedade não. A sociedade é assim: eu moro num prédio, eu nem conheço o meu vizinho da frente, não é? É aquela solidão na multidão. A sociedade é racional, ela segue uma lógica da modernidade. Aí você vê que essa rede que nasce dentro dessa sociedade industrial (e, para alguns, pós-industrial) quando ela vai retomando o planeta, surge a seguinte questão: existem comunidades que são desterritorializadas, que não estão ali cara a cara e que tem laços fortes. Essas comunidades, várias delas que produzem um tipo de cultura digital, trazem a ideia da rede desterritorializando e, ao mesmo tempo, nesse momento de desterritorialização, ela aproximando as intenções dispersas pelo planeta. A rede é universal por totalidade, porque ela aproxima pessoas de vários territórios na intenção, nessa articulação que permite que eu chame de comunitária. E o que que isso tem a ver com o grupo? Uma vez que eu faço isso, eu tenho uma outra produção cultural, uma nova forma de produção cultural, que parte das culturas efetivamente locais, regionais, mas que ao se encontrarem na rede, elas estão criando uma nova possibilidade de criação em grupo. O grande lance é que está se gestando uma fusão de culturas, uma diversidade cultural que nós não tínhamos possibilidade de conhecer antes. As culturas tinham mais dificuldade de se movimentar, mais dificuldade de se recombinar. A rede facilita isso. E a ideia de que uma cultura ela está sempre em movimento, porque ela sempre está movimento, ela sempre busca a criação, ela tem uma dinâmica interessante e essa dinâmica se junta, no caso da rede, com uma diversidade impressionan-

te. Então eu acredito que esse fenômeno da diversidade cultural ele foi reforçado, ele é reforçado no ambiente de rede.

Nós estamos vivendo a era da "comunidade contra o estado". Não é a "sociedade contra o estado", do Clastres, é a comunidade...

É isso aí! Um grande lema!

E a cultura digital cria uma nova cognição?

Você vê um adolescente com uma tela aqui na frente e aí ele abre uma mensagem instantânea aqui, está com 10, 15 telas abertas, está com um outro mensageiro instantâneo aqui do lado, fazendo um trabalho de escola aqui, ao mesmo tempo que ele está ouvindo uma música, ele está num site "x"ouvindo uma música que provavelmente nunca ouvirá novamente, e está baixando algo numa rede BitTorrent. Tudo ao mesmo tempo. Aí você pergunta para ele: "O que você está fazendo?" Aí ele vira para você e fala: "Nada. Eu não estou fazendo nada." [Risos] Isso é uma nova cognição. Isso é muito profundo. O pessoal da velha guarda, eu vou chamar assim, tem dificuldade de deixar o Twitter aberto, o Gmail aberto e ir trabalhando um texto, porque uma lá, pá... Ele não consegue articular. Alguns dizem que isso é a multitarefa (porque é um termo que vem da informática), que a coisa é multitarefa. Mas será que nós somos multitarefas? Eu acho que sim. O cérebro permite que você organize trilhas. Alguns psicólogos, eu não entendo bem disso, mas eu já vi que começam a dizer que isso é um problema.

O Antônio Damásio fala que a cultura digital é uma extensão do cérebro humano.

Claro! Mas toda a cultura é, não é? A cultura tem que ter o homem. O homem é o sujeito da cultura, então é uma extensão do cérebro.

Falta saber também se é uma extensão infinita, ou até onde o cérebro aguenta esse desgaste e aceleração...

Isso também nas máquinas. A capacidade de processar a informação das máquinas seguiu o que alguns até consideraram lei, a lei do Gordon Moore, que não é uma lei, é uma coisa que aconteceu num determinado momento e que eu não sei se está ocorrendo com a mesma intensidade. Eu acho que isso chega nos limites físicos, como chegou. A nanotecnologia avançou bastante, só que tem um problema: o entrave, que me parece ser grande, é na dissipa-

ção de calor e na condição de guardo de energia. É o que vai acontecer conosco. Nós temos uma capacidade de pensamento que é limitada pelo nosso cérebro. Eu acho que nós estamos longe de chegar ao limite dessa capacidade. Portanto, a nossa cabeça tem que ser mais qualitativa e menos quantitativa. O quantitativo foi para a máquina. E é isso o que, na minha opinião, que a gente devia prestar a atenção. O que a cultura digital exige? Qualidade. Me exige saber escolher, saber optar. Então eu não me impressiono com o poder do processamento. A qualidade que você tem que ter hoje é a de entender o processo de rede. É mais importante do que o processamento. O processamento é importante. Mas, veja, a rede é o grande multiprocessador. Então a questão é: quais são as suas estratégias na rede? Como é que nós vamos organizar, articular nas redes? Então a rede é a grande possibilidade de organização e comunicação. Não existe organização sem comunicação. E se as redes são fundamentais no processo de organização hoje, você está dizendo efetivamente que dentro dessa comunicação você tem que buscar aquilo que a gente chama de hierarquização, de priorização, de relevância. Porque senão é aquilo: o rapazinho que eu estava te falando. Ele está com aquele monte de janela aberta, tal, e não está fazendo nada. Talvez aquilo para ele não seja nada, e talvez ele tenha razão. Agora, talvez uma coisa que ele encontre ali concentre a sua atenção, priorize. Usando a frase do BNegão: "Nesse universo é preciso priorizar a prioridade." A comunicação sempre cria estímulos e ela se volta, se presta a uma ação. E nesse sentido você tem que sempre fazer escolhas. O mundo presencial é o mundo das escolhas. O ciberespaço não é o mundo das escolhas, por isso ele se coloca apenas como democracia dentro de ciberespaço. Se eu não gosto do teu site, eu vou para o outro. Eu não preciso optar.

Como você vê a particularidade do Brasil nessa relação com a cultura digital, especialmente no último governo?

O Brasil juntou tecnologia com política. É a grande diferença. Enquanto os Estados Unidos juntam tecnologia com mercado e prioriza a questão dos produtos, das novidades, aqui a questão foi política. Nós temos uma inteligência e essa inteligência quer se manifestar. Quando surge o movimento de software livre, essa inteligência pode se manifestar, então pode colaborar com o desenvolvimento de soluções tecnológicas avançadíssimas. Então vários jovens se envolveram com isso e começaram a ver que existia todo um lobby no governo

(em todos os governos) para usar só as tecnologias proprietárias, tecnologias que vinham importadas. E esses jovens estavam desenvolvendo coisas com bastante qualidade, com autonomia cada vez maior, e perceberam que podiam também ter um espaço maior no país, no uso de tecnologia do país. O país está se informatizando, se reenredando. O Brasil não está totalmente enredado (eu digo perto da Europa, dos Estados Unidos). Nós estamos avançando, mas estamos no começo, então podemos utilizar essa inteligência que está participando da construção de tecnologias. Na hora que o governo Lula abre espaço para isso, isso se torna um movimento político, um movimento de "eu também quero passar". O Brasil e todo o mundo têm gente capaz de desenvolver tecnologia, e no governo Lula isso começou a ser valorizado.

E se fortaleceu o debate da sociedade da informação, não é?

Sim. E ficou claro que isso é uma questão política. Entenda, como a cultura também, no Brasil, é uma questão política. Nós temos... Nós temos que, muitas vezes, afirmar que nossa capacidade é maior do que o Estado, ou aquela doutrina de plantão. Eu queria lembrar que a gente teve oito anos de Fernando Henrique Cardoso e esse foi o período onde a internet se tornou comercial no Brasil, onde se construiu um comitê gestor, onde a tecnologia da informação foi aplicada mais amplamente no governo, dentro de um fenômeno maior, dentro da doutrina neoliberal. Uma doutrina que diz: "Olha, vamos comprar o produto e tecnologia é meio." Bom, como é meio? É meio? Mas, vem cá, nós estamos falando de tecnologia da informação! Os intermediários da comunicação humana, da comunicação social são cada vez mais softwares. Software é mídia! E aí o que acontece? Tudo isso é desconsiderado. Mas isso é uma política que tem um fundamento muito claro de subordinar todo o potencial criativo do seu país, ou do pessoal que está aqui, se não quiser usar o termo nação, dessa banda de cá. Então nós temos que afirmar a nossa capacidade criativa para o Estado brasileiro.

Como está o desenvolvimento de software livre no Brasil? Você tem uma vitalidade no desenvolvimento de linguagem aqui?

Se você pegar as 15 linguagens mais usadas no mundo, nós temos uma, a Lua, construída aqui no Brasil. E nós temos muitos desenvolvedores de programas em código aberto e nós participamos de muitas comunidades. Agora, reparem: nós só não temos mais desenvolvedores... O país que tem mais

desenvolvedores de software livre são os Estados Unidos, depois, se não me engano é a Alemanha, são países europeus. O Brasil não tem tantos desenvolvedores quanto esses países, só que aqui, grande parte desses desenvolvedores entende que isso é um elemento importante do ponto de vista da autonomia, da criatividade. Ou seja, tem uma visão política, que eles não têm lá (não é todo mundo que tem). Aqui existe uma visão ideológica.

E a questão do Raymond *versus* Stallman, do open source *versus* software livre?

Então, aqui é interessante. Aqui no Brasil, não existe uma separação extrema entre open source e software livre. O movimento, vamos chamar assim, surgiu nos anos 80, em 1984, com o Richard Stallman, como *free software*. E como a palavra *free* em inglês tem dupla conotação, ele falava: "Free is not free beer. Free is freedom." Então, ele queria dizer que ele estava falando de liberdade, e não de gratuidade. Agora, o Richard Stallman ele era muito ideológico. Ele dizia assim: "O compartilhamento é fundamental. Você não pode me impedir de ajudar o meu vizinho." Ele tem aquela cultura americana, ele tem um fundamento – é interessante – libertário, americano. Agora, isso assustava um pouco o mercado. Um pouco não, muito. Então, o que acontece? Alguns caras, que acreditavam que o modelo de desenvolvimento colaborativo é superior ao modelo proprietário, ao modelo de bloqueio do conhecimento, passaram a fazer o quê? Tentaram fazer um fork, fazer um racha ali e criar o *open source* – o código aberto (o *open source software*). E isso foi criado por um cara até muito interessante, que depois de criar isso voltou para o movimento de software livre, o Eric Steven Raymond. Ele tem um texto famoso, *A catedral e o bazar*. Ele mostra que no ambiente de rede (em síntese seria isso), colaborar é muito mais eficiente do que simplesmente bloquear o conhecimento. E ele, por mais que ele seja, na chave política antiga, um anarcoliberal, ele consegue ter, nessa questão, um ponto em comum com um anarcoesquerdista, que é o Richard Stallman. No meu doutorado eu trato disso. Eu trato que no mundo do bem imaterial, o que é a igualdade e o que é a liberdade? É a mesma coisa. No mundo do bem material, a igualdade requer o quê? Requer o nosso conjunto de regras de bens escasso. No mundo do imaterial, a liberdade de acesso é a igualdade. É exatamente a mesma coisa. Por isso que você tem essa junção.

Em que medida o software livre determina a cultura digital?

Para falar disso, é interessante, é a mesma relação que você tem num núcleo duro da cibercultura, que é a cultura hacker, que é o que explica a internet ser do jeito que ela é, e não de outro. A internet não é o Minitel, da França. A internet é uma rede onde a inteligência está na periferia, e não no centro. A internet não tem um pólo central. O pólo central era os Estados Unidos, quando se fala de conexão, porque lá surgiu a internet e porque lá haviam as principais empresas, os principais sites. Ainda tem, não é? Então você tem um fluxo muito grande para lá. Mas isso é uma questão que não é o arranjo tecnológico que faz, é mais a supremacia cultural que vem do século XX e que faz o inglês ser a língua de contato. Enfim, nós não precisamos ir muito longe para perceber isso. Agora, você tem a internet como um grande oceano. A metáfora da navegação é muito boa. A internet não são grandes corporações. A internet tem dentro dela grandes corporações também, mas ela é um arranjo comunicacional baseado em protocolos abertos, livres. Qual empresa que manda na internet? O Google? Se o Google acabar amanhã, não acontece nada com a internet. Você vai dizer que tem o problema do controle das operadoras de telefonia, que é a grande batalha que tem hoje. Eles controlam a infraestrutura que construíram já no século XIX de telefonia. E a internet se organizou sobre isso. Bom, eles controlam uma infraestrutura. Agora, a internet, esse arranjo comunicacional baseado em protocolos de comunicação, ele é não proprietário, é desenvolvido coletivamente e tem no seu espírito a ideia de que a comunicação pode ser anônima e completamente distribuída. Ou seja, aí está o dedo ou a mãe da cultura hacker. E a cultura hacker entrou nessa disputa, porque a cultura hacker foi construída por programadores exímios, aficcionados por programação, que acreditavam no poder da computação para democratizar a sociedade. Era uma crença. E eles passaram a construir uma série de programas, e passaram a construir uma vida, um cotidiano entre eles sob forte influência da contracultura americana, de valores libertários. Bom, o que acabou acontecendo? São dois valores básicos do núcleo duro da cultura hacker: só vale algo quando você tem paixão por aquilo, você é livre para se apaixonar por aquilo e, em geral, você se apaixona porque é um grande desafio. O primeiro valor é esse. A paixão pelo grande desafio, a liberdade de fazer na hora que você quer e superar aquele desafio. Uma vez superado esse desafio, vem o segundo valor: você compartilha. Porque um hacker é conhecido não porque ele diz ser um hacker. É a comunidade hacker que reconhece o seu valor. E é isso que muitas vezes

a molecadinha não entende. O hacker tem esse valor e esse valor está no cerne da internet. A internet foi construída assim: com RFCs (com Request For Comments), onde as pessoas colaboravam, e ainda colaboram. E isso incomoda muita gente hoje, porque lá atrás eles nem perceberam que isso estava acontecendo, e eles deixaram para lá. E quando eles foram ver, a internet recobriu o planeta, não foi um Minitel, uma rede centralizada, quando a inteligência tem grandes mainframes, onde a ponta é burra, onde todo mundo é identificado, onde todo mundo presta conta para o grande centro, que era a rede da França. Quem deu certo foi o Richard Barbrook, que diz: "Os comunistas digitais venceram."

Os comunistas com "c" minúsculo. [Risos]

Os californianos. A cultura californiana é uma cultura de compartilhar nesse sentido, do comum. É engraçado isso, não é? E uma coisa é certa: a liberdade é a fonte da criação, não é organização, o tolhimento, o limite. Se você pensar no que é a internet hoje, ela nunca poderia ser criada por um governo ou uma empresa. Seria impensável.

E a questão do estado nação também está sofrendo grande abalo com a cultura digital, não?

Isso me lembra um cara que me influenciou muito, um antropólogo da UnB, Gustavo Lins Ribeiro. Eu li um texto dele, ele traz as ideias do Benedict Anderson, que ele diz o seguinte, em síntese: o Benedict Anderson fala que a imprensa foi fundamental para criar essa comunidade imaginária, que se chama nação. A imprensa foi vital para solidificar uma pauta dessa fraternidade, dessa comunidade, não é? E o Gustavo Lins Ribeiro diz: se a imprensa foi fundamental para construir uma comunidade imaginada chamada nação, será que as redes digitais (ou a internet) não está ou não será fundamental para construir uma comunidade imaginada transnacional? Então, será que nós não estamos criando pautas transnacionais?

O movimento ambientalista passa por isso.

Sim. Será que eles não estão construindo uma transnação, uma outra ideia, uma outra esfera pública? Porque por enquanto as esferas estavam abaixo dos estados. Será que nós não vamos construir uma esfera pública acima dos estados? E será que os estados, na sua vertente conservadora, não têm ou não

irão impedir ou tentar impedir isso? Eu acho que sim, eles estão tentando fazer. Então é um movimento mundial, de tentativa de controle da internet, que tem dois segmentos econômicos muito interessados nisso, que são o das operadoras de telefonia e da indústria do copyright, que são indústrias da intermediação que, junto com esses segmentos autoritários na política, querem controlar a internet. É basicamente isso. Isso está acontecendo hoje. E algumas pessoas acham que esse controle é inevitável, que a internet foi como o rádio, que também rolou solto, livre durante o começo, e uma hora chegam as forças econômicas e do Estado e impuseram um controle. Eu não acho que seja assim porque a internet se baseia em práticas sociais que são bastante consolidadas e que envolvem milhões de pessoas. O rádio, quando ele se espalhou, ele dependia de um apetrecho técnico...

De que maneira a internet reconfigura o espaço público?

Olha, primeiro ela põe um espaço público de caráter transnacional, acima do Estado. Porque com é que surge a ideia da esfera pública tradicional, liberal? Entre o cidadão disperso e o poder, você tem um espaço comunicacional, aqui embaixo. A internet está acima disso, a internet migra um conjunto de comunidades e perpassa estados, regiões, territórios. E a internet também é algo que está na mão das pessoas, são elas que construíram. Tem uma frase do Manuel Castells, no livro *Galáxia da internet*, que eu acho muito expressiva. Ele diz: "A internet é a improvável intersecção entre a big science, a contracultura americana e o pensamento militar". E foi. É uma improvável intersecção, e é o que gera aquela... Só que é o seguinte: os militares foram para um lado e a internet foi para o outro, sob mais hegemonia dessa cultura acadêmica, meritocrática, hacker e dessas comunidades alavancadas (porque tem muito dinheiro para correr risco). O movimento de software livre é um componente nuclear dessa cultura digital. Ele está na formação da internet, essa ideia de espírito de compartilhamento. Ele está na formação do próprio software de código aberto, ele está na formação de um dos principais movimentos de cultura hoje, do licenciamento aberto, que é o Creative Commons. E ele está na cultura hacker. Isso tudo é uma reconfiguração muito interessante do espaço público.

Acho
Agora
artística
autores
agora
academia
acabou
adianta
alguma
brasileira
Amazônia
brancos
acho
Andrade
anos
assim
coisas
antropofagia
assunto
Beethoven
brasileiro
antes
Bey
comum
brasileiros
Brasil
arte
Creative
criador
bem
Commons
condições
debate
disso
discurso
dá
apenas
futuro
cada
criar
dom
coisa
criação
cultural
famosa
então
descobriu
dizer
exemplo
dizia
elite
frase
dar
duas
falando
Então
gratuito
cultura
dádiva
idéia
internet
livre
espécie
fazer
oposição
novo
existe
gente
faz
livro
hoje
informação
grandes
Levi-Strauss
idéias
grande
índios
menos
meio
objeto
havia
nada
movimentos
país
Hakim
lugar
modelo
outros
mesma
nacional
outra
objetos
mundo
pode
lado
outras
obra
linguagem
nacional-popular
parte
nunca
Oswald
pensar
tentando
parece
outro
porque
sempre
quer
projeto
poder
sabe
regime
sabem
pouco
pessoal
sobre
século
tempo
problema
relação
saque
sentido
todos
toda
social
sociedade
ser
questão
total
sampler
verdade
talvez
todo
vários
vê
teoria
tropicalismo
vez
tudo
repente
trabalho
uso
ver
vai

Eduardo Viveiros de Castro

antropólogo

Vamos começar falando de um autor que nós gostamos, o Hakim Bey, a ideia de uma utopia pirata, do saque...

O Hakim Bey (Peter Lamborn Wilson), junto com os outros autores da coleção Baderna que a editora Conrad vem lançando, é praticamente ignorado em nosso meio acadêmico. Uma parte ínfima dos estudantes (pelo menos os de pós-graduação), e seus professores sabe de quem se trata. São autores que não têm trânsito algum. Hakim Bey. Eu citei este nome em vários contextos da academia, mas nenhum dos meus colegas antropólogos, brasileiros ou não, sabia quem era. Com as raras exceções de praxe: que me lembre, apenas Pedro Cesarino e Hermano Vianna, por aqui, e Justin Shaffner, ex-aluno de Roy Wagner em Virginia e hoje doutorando de Cambridge. Eu tampouco ouvira falar de Hakim Bey até pouco tempo atrás, quando topei com uma rápida menção feita em um livreto (apenas mediano) de outro antropólogo, David Graeber, *Fragmentos de uma antropologia anarquista*, e decidi seguir a pista.

O que é curioso, porque ele é uma referência entre o pessoal mais jovem, mas não do meio acadêmico.

Talvez seja consequência de uma separação entre os circuitos de produção conceitual da cultura culta ou domesticada e da cultura pop ou selvagem. Autores radicais que o próprio Hakim Bey utiliza como base, como Foucault, Deleuze ou Derrida, todo mundo conhece, ao menos de nome, porque são autores *highbrow*. Mas os livros que escreveram são obras complexas, de leitura difícil, que requerem um preparo filosófico considerável. Hakim Bey, que utiliza esses autores todos em sua obra, faz isso de uma maneira torcida, inserindo-os em uma interlocução pop, articulando suas ideias com processos e eventos radicalmente extra-acadêmicos, com o que está se passando de fato no presente. Além de estar trazendo para a discussão contemporânea pensadores tão interessantes como Fourier, ou como os socialistas utópicos, que foram excomungados pelos, de saudosa memória, socialistas científicos.

Ao mesmo tempo, Hakim Bey não possui um respaldo da esquerda tradicional.

É verdade. Gente como ele está pendurada na fração libertária da esquerda americana, que passou por longos anos de hibernação e só voltou a se tornar mais visível depois da manifestação de Seattle em 2000. Foi lá que nos demos conta de que nem todo mundo era a favor de Bush nos Estados Unidos, que havia um movimento subterrâneo acontecendo há muito tempo, e que de repente veio à tona. Este movimento tem uma linha de continuidade que remonta ao século XIX. Sai de Whitman, Thoreau, passa pela *beat generation*, pela contracultura, e segue em frente. É um movimento subterrâneo, que algumas vezes emerge, é só a maré virar. E o que impressiona é a total ignorância da academia brasileira em relação a isso. Dos Estados Unidos, conhecemos e consumimos prinicipalmente a cultura da direita. A esquerda é européia.

Você tenta trazer esses autores para o discurso acadêmico, não só pensar eles, mas colocar em prática algumas de suas ideias. Um exemplo é o site *AmaZone*. Como estas tentativas repercutiram, ou não, na universidade? Você viu alguma reverberação em outros projetos?

Difícil responder. A história político-cultural brasileira é complexa. Suely Rolnik lembrava outro dia a cisão fundamental na esquerda brasileira, na virada dos 1960-70, entre o pessoal da contracultura e o pessoal da guerrilha, ou mais geralmente da militância política. Lembro-me bem disso; essa diferença foi vivida dramaticamente por minha geração. Havia um conflito entre o pessoal do chamado nacional-popular, do CPC, que possuía um projeto de

revolução ligado a uma ideia de cultura autenticamente nacional, radical-reativa, pseudo-proletária, e os tropicalistas, que eram internacionalistas, simbioticistas, geléio-generalistas, tecno-primitivistas, que saíam por cima (ou por fora) e por baixo (ou por dentro) da mediocridade visada pelo projeto nacional-popular. Esse debate reencenava a grande discussão anterior, a da Semana de Arte Moderna. Ele penetrava completamente na academia, que estava organicamente ligada ao assunto, até porque vários teóricos faziam parte dela, sobretudo no lado do nacional-popular. Depois o debate de alguma maneira se perdeu. Hoje a academia não discute mais esses temas, com exceção dos que estudam os movimentos culturais brasileiros. Mesmo para as pessoas que fazem do tema um objeto de estudo, é apenas uma especialidade exótica, que não é mais tratada como uma questão existencial, como era na época.

Quando você acha que esse assunto se perdeu?

Ele foi se perdendo aos poucos. Depois do tropicalismo, que foi de fato um movimento cultural de alcance nacional, de repercussão vertical, que ia da academia até a juventude, que era teorizado pelos críticos literários ao mesmo tempo que seus discos eram comprados pela garotada que tomava ácido no píer de Ipanema, não houve nada na mesma escala. Houve movimentos locais, mas com menor fôlego e repercussão. O pessoal da poesia marginal aqui do Rio, o Nuvem Cigana, por exemplo, que foi desembocar no BRock, no Asdrúbal Trouxe o Trombone. Havia uma vitalidade nestes movimentos posteriores, mas não havia a radicalidade original do tropicalismo. O tropicalismo unia finalmente Vicente Celestino e John Cage, a cultura popular e a cultura erudita, passando estrategicamente pela cultura pop, que foi a grande bandeira deles. Tudo isso veio evidentemente da antropofagia oswaldiana, a reflexão metacultural mais original produzida na América Latina até hoje. A antropofagia foi a única contribuição realmente anticolonialista que geramos, contribuição que anacronizou completa e antecipadamente o célebre clichê uspiano-marxista sobre as "ideias fora do lugar". Ela jogava os índios para o futuro e para o ecúmeno; não era uma teoria do nacionalismo, da volta às raízes, do indianismo. Era e é uma teoria realmente revolucionária...

E que nunca foi bem absorvida no Brasil.

A antropofagia foi mal recebida por diversas razões. Primeiro porque o Oswald de Andrade era um dândi afrancesado (o paradoxo faz parte da teoria...) que não possuia credenciais acadêmicas. Ele não fez trabalho de campo como o Mário de Andrade, por exemplo. O Mário de Andrade colheu música popular, cantigas, foi atrás de mitos, inventou todo um olhar sobre o Brasil. Mas o Oswald tinha um poder de fogo retórico superior; sua inconsequência era visionária... Ele tinha um *punch* incomparável. Se Mário foi o grande inventariante da diversidade, Oswald foi o grande teórico da multiplicidade – coisa muito diferente.

E continua sendo.

Eu acho que a grande contribuição dos concretos ao debate cultural no Brasil foi a redescoberta que fizeram de Oswald, em parte por via da aliança com o tropicalismo. Essa redescoberta me parece talvez mais importante, no frigir dos ovos, que a teoria da poesia concreta enquanto tal. Se é que é possível separar uma coisa da outra. Afinal, o que os concretos nos legaram foi antes de tudo um paideuma rigoroso mas aberto, que transversalizou completamente os totemismos nacionalistas, colocando a arte brasileira em um campo estético poliglota e multí-voco, sem hierarquias prévias ou extrínsecas.

O *Balanço da Bossa*...

Esse livro do Augusto de Campos foi uma intervenção iluminada. Um divisor de águas, ao perceber na primeira hora que o tropicalismo era a bola da vez. E o Augusto produziu aí uma teoria, que na verdade foi uma redescoberta do Oswald pela "alta cultura", no sentido da "alta costura" dos concretos. Porque havia uma série de conflitos, e de repente o tropicalismo chegou para resolver o problema de alguma maneira, porque ele fez a síntese. Não uma síntese conjuntiva, mas uma "síntese disjuntiva", diria Deleuze: Vicente Celestino e John Cage. E essa é a resposta que a América Latina tem que dar para a alienação cultural, é a única proposta de contra-alienação plausível, a única teoria de libertação e autonomia culturais produzida na América Latina. Agora todo mundo está descobrindo que tem que hibridizar e mestiçar, que os Mutantes, por exemplo, são legais. Os Mutantes são hoje a vanguarda da vanguarda pop, valores disputados nos mercados discográficos mais antenados das estranjas... Do lado mais *highbrow*, agora o pessoal se

tocou também, por exemplo, que Hélio Oiticica é um gênio. Mas é claro que é. A gente já sabia disso... Demorou um pouco para a ficha cair.

Quase quarenta anos.

É. Outro dia, conversando com amigos, alguém falava sobre como o capitalismo tinha mudado no mundo todo, sobre o sistema de controle da mão-de-obra do capitalismo moderno, a precarização, informalização etc. E aí alguém lembrou que isso sempre existiu no Brasil. E eu fiquei pensando, sempre disseram que o Brasil era o país do futuro, iria ser o grande país do futuro. Coisa nenhuma, o futuro é que virou Brasil. O Brasil não chegou ao futuro, foi o contrário. Para o bem ou para o mal, agora tudo é Brasil.

Como diria o Rogério Sganzerla.

O Julio Bressane tem uma frase ótima, "mixagem alta não salva burrice". Para dizer que não adianta, se o material é ruim, você pode montar do jeito que quiser que não fica bom. É a mesma coisa com mestiçagem ou hibridismo. Mestiçagem alta não salva nada, não salva democracia, não salva cultura. Se o que entra não presta (estou falando de fusão/difusão cultural, por suposto; por favor não me confundam), não adianta mixar. Por outro lado, eugenismo cultural também nunca deu certo... aquela história de raiz e de tradição, Deus me livre. Só tem tradição quem inventa. Agora, voltando para o que eu estava falando, da brasilificação do mundo, é um efeito ou exemplo reverso muito interessante do que o tropicalismo estava tentando dizer ou fazer.

O modernismo heróico brasileiro, de Oswald e Mário de Andrade, também não se tornou uma espécie de tradição subterrânea, que aparece e desaparece durante todo o século? Um exemplo disso é a Mangue Bit, que é uma renovação do tropicalismo. Alguns lemas da Mangue Bit são bem sugestivos sobre o que estávamos discutindo: "tenho Pernambuco embaixo dos pés e a minha mente na imensidão", ou a questão levantada por Fred 04 entre "mudar de lugar" e "mudar o lugar"...

Aí ele quase parece estar discutindo a teoria do Roberto Schwartz das "ideias fora de lugar", tentando produzir uma outra formulação. Quando escrevi o prefácio de um livro sobre o novo ambientalismo na Amazônia chamado *Um artifício orgânico*, do Ricardo Arnt, disse que a ecologia colocava pra escanteio o problema das ideias fora de lugar. A ecologia era uma ideia sobre o lugar,

então jamais poderia estar fora do lugar porque o que estava em questão era o lugar, não eram as ideias... Onde estamos? Esta é a questão propriamente "ecológica".

O Mangue Bit não está isolado neste sentido de problematizar o lugar, isto parece ser uma característica de vários movimentos da cultura atual.

Esse debate é na verdade uma estrutura de longa duração na cultura brasileira. O governo atual, por exemplo, está dividido ao meio, porque há dois projetos chamados de "nacionais". Um é o projeto nacional clássico, no mau sentido da palavra, que é o de inventar (ou descobrir) essa coisa chamada de "identidade nacional". O outro projeto é o que eu chamaria de "nós temos que desinventar o Brasil". É um projeto mais internacional, que troca o "só nós, viva o Brasil", pelo "tudo é Brasil" de que eu estava falando. Porque o mundo já é o Brasil, e esta questão já acabou, digamos assim... Uma frase que vivo repetindo é que o Brasil é grande, mas o mundo é pequeno; então não adianta ficar pensando só no Brasil. Essa frase tem a ver com um projeto hegemônico dentro do governo, baseado na soja, na industrialização, em um projeto que quer transformar o Brasil nos eua do século XXI. O Brasil que quer ser os eua quando crescer, que quer transformar seu interior inteiro numa espécie de Iowa ou Idaho, plantado de cabo a rabo de soja ou de cana e mamona para biodiesel. E a costa do país se tornará uma espécie de Florida, Miami, Bangkok, um puteiro à beira-mar, com gângsteres bem cariocas também, para dar uma cor local. Ou seja, o Rio de Janeiro. Esse é o projeto nacional-popular: "tragam a poluição", "vamos industrializar", "viva o agronegócio"; e nas horas vagas, "vamos valorizar o folclore nacional". "Folclore e energia"; para lembrar a famosa frase de Lênin: "O comunismo é sovietes mais eletricidade". Pena que uma ministra – Dilma Roussef – que jurava por essa cartilha anos atrás hoje tenha escolhido só a eletricidade mesmo, afinal, esqueçamos essa bobagem de sovietes. Que pena.

Ou seja, industrialização a qualquer preço...

Esse é o modelo Zé Dirceu. Agora a gente vê que, na verdade, muito do pessoal que lutou contra a ditadura estava querendo exatamente a mesma coisa que os militares. Eles se entendiam. A questão era apenas saber quem iria mandar. Mas tratava-se de fazer a mesma coisa: desenvolver o país. Pessoalmente, digo: dane-se o desenvolvimento. E do outro lado você tem o

pessoal que está interessado em pensar o mundo, não em pensar "o Brasil". Você pensa *no* Brasil, você está aqui, não tem como não pensar no Brasil, mas você não precisa pensar *o* Brasil, pensar no Brasil já basta, está ótimo. Há duas maneiras de conceber a questão da "brasilidade": ou você acha que ela é causa do que você faz (e de causa se chega rápido a desculpa, a princípio sagrado, o diabo); ou então você percebe que ela é apenas consequência, você não pode não ser brasileiro, não tem como não ser. Não tem jeito; a não ser que você se exile ou troque de língua, mas enquanto isso, tudo que você fizer é brasileiro. Relaxe e goze. O pessoal do nacional-popular quer que sejamos brasileiros por necessidade, por destino. E isso não dá certo. Não dá para fazer assim, tem que se esquecer o assunto e olhar para o outro lado. Quem sabe aí, inadvertidamente, se produza alguma coisa... Quem se preocupa com identidade, de língua, cultura, seja do que fôr, já "perdeu".

Olhar para fora...

Essa oposição entre um pensamento da interioridade, da identidade, das raízes, de um lado, e do outro o pessoal da exterioridade, da desterritorialização, do rizoma (para usar a linguagem do Deleuze) em vez das raízes, do pessoal do internacional – essa oposição, a meu ver, é intrínseca à situação latino-americana, a essa esquizofrenia cultural, a orientação para fora, para a Europa, que contraproduz uma orientação culpada para dentro, para seu país, do qual ao mesmo tempo você tem vergonha e orgulho. Há uma situação muito confortável da elite brasileira que é poder brincar de dominado quando olha para fora, dizendo "vejam só como eles mandam na gente, nós somos uns pobres coitados, estamos aqui dominados, explorados cultural e economicamente", e brincar de dominantes quando olhamos para dentro e mandamos a cozinheira fazer nossa comida. Você é um explorado pela cultura francesa e pode dar um grito de guerra contra a alienação cultural, mas é sempre um patrão que reclama da alienação cultural...

Então para habitar é preciso ser nômade?

É, acho que sim. Se você for ver, todo mundo que descobriu o Brasil, descobriu lá de fora. Gilberto Freyre, grande teórico da brasilidade, descobriu o Brasil em Columbia. Oswald de Andrade descobriu o Brasil em um quarto de hotel, provavelmente em Paris, numa daquelas viagens. Ou foi o Blaise Cendrars que contou para ele que o Brasil era legal. O samba, o Hermano

Vianna mostra claramente em seu magnífico livro sobre o assunto, foi de certa maneira descoberto de fora. Então o Brasil é *sempre* visto de fora. Sem contar que só fala no Brasil, sobre o Brasil, quem manda nesse país. O problema nacional quem formula é a elite. Qual o problema nacional? O problema é que "o povo é um povinho ruim", como a elite tantas vezes diz. O problema nacional é um problema da elite para a elite pela elite. O chamado "povo" está preocupado com outra coisa...

E a Amazônia nisso tudo?

Eu talvez esteja mitificando um pouco a Amazônia, no que vou dizer. Mas acho que a Amazônia hoje é o epicentro do planeta. Do Brasil, certamente que é. Acho que o Brasil se deslocou pra Amazônia. Isso eu já tinha dito em 1992, quando escrevi aquele prefácio do livro do Ricardo Arnt e do Steve Schwartzman. Eu ali dizia que o Brasil se amazonizou. Tudo acontece lá, o tráfico de drogas passa por lá, os interesses econômicos estão lá, os grandes capitais estão fluindo para lá, as questões de ecologia, o olhar do mundo, a paranoia e a ilusão do paraíso, tudo está lá, ou voltado para lá. Para o bem ou para o mal, a Amazônia virou o Lugar dos lugares, natural como cultural, alías; é lá que está sendo cozinhado um gigantesco guisado cultural, e que daqui nós não temos a menor ideia do que está se passando. Multidões gigantescas indo a bailes que misturam funk, calipso, samba, música eletrônica, com djs famosíssimos em Belém do Pará que são caboclos, peão de obra, os peões do Chico Buarque do "Operário em construção" estão lá pilotando prato de toca-disco, são djs... Hoje, 80% da população da Amazônia está nas cidades. Manaus é um objeto sem similar no planeta, bem, talvez Lagos seja parecida, mas Lagos é um terror, em todos os sentidos, e Manaus não é um terror em todos os sentidos, apenas em alguns. Acho que os brasileiros do sul nunca pensaram direito a Amazônia, sempre voltaram as costas para ela. A teoria da sociedade brasileira, produzida pela elite brasileira no começo do século xx, estava obcecada pela questão da escravidão negra, por razões óbvias e justas: era pela escravidão que se devia pensar a falha, o pecado essencial, a raiz da vergonha nacional. Mas nisso, esqueceram da Amazônia, dos "negros da terra" (os índios), do país para além dos canaviais e dos cafezais. Ainda não conseguimos escapar do tratado de Tordesilhas. É necessário prestar mais atenção na Amazônia. O modelo carioca e paulista de exotismo era Salvador, Jorge Amado, candomblé, vatapá, mas Belém e Manaus eram um

nada. Mas então aparece um escritor como o Milton Hatoum (por exemplo) e mostra o que estava acontecendo em Manaus na década de 40. Um outro mundo...

E a internet, como você vê afetando essa relação entre centro e periferia? Agora, um garoto em Maceió pode ter o mesmo grau de informação sobre o mundo que um estudante da USP. Isso é um fato novo...

Isso é interessante. Qual é o modelo típico, a trajetória típica do intelectual brasileiro (ou, aliás, norte-americano também)? É o menino de província, nascido na cidade pequena, e que está o tempo todo sonhando com o Rio de Janeiro ou São Paulo. Esse modelo do sujeito que espera o suplemento dominical do jornal como se fosse a Bíblia, a hóstia, que encomenda livros da capital, meses a fio à espera das notícias culturais da metrópole. Éramos todos meninos do interior; inclusive os cariocas e paulistas – nossa metrópole era estrangeira, apenas. Isso acabou. Hoje tudo está dado. Você descarrega livro, pega tudo. Há uma democratização gigantesca, desde que você tenha um computador de banda larga, que no Brasil talvez se expanda com esse projeto do governo de pontos de inclusão digital, quiosques digitais, que é uma coisa interessante, treinar jovens de pequenas cidades do interior para operar internet. Há esse problema da perda da diferença, da estandartização, mas é aquela coisa: fica tudo igual, mas algumas diferenças são potencializadas ao mesmo tempo em que outras se equalizam. É uma coisa ambígua, feito a globalização. Lévi-Strauss falava já em 1952: "É inexorável, a cultura ocidental vai se universalizar, mas não pensem que isso vai diminuir as diferenças, elas vão passar a ser internas, em vez de ser externas"; e talvez aumentem, ao longo de dimensões de cuja existência sequer suspeitamos. A cultura ocidental vai explodir de diferenças internas, ao invés do modelo clássico da invasão dos bárbaros, hoje com vigor renovado graças ao suposto conflito de civilizações, o Islã e coisa e tal. Cascata. O Islã é o Ocidente. A cultura ocidental vai se universalizar e, no que ela se universalizar em termos de extensão, ela vai se particularizar em termos de compreensão, vai se tornar cada vez mais caótica internamente, cada vez mais dividida, produzindo toda sorte de esquisitices e originalidades e assim por diante. A internet vai ser um pouco isso... Estamos longe de saber o que vai acontecer com a internet daqui a dez anos. Em 1990 eu comprei meu primeiro computador. Em 1991 comecei a me comunicar por computador com outros colegas pela Bitnet, que era uma

rede universitária sem a interface gráfica *world wide web*. Tudo o que havia era o correio eletrônico com colegas universitários. A Internet era uma rede de comunicação de cientistas, foi pouco a pouco sendo usada por semicientistas como nós, depois por toda a comunidade acadêmica e depois foi aberta para o comércio, virando isso que é hoje.

Como fica a questão do saque e da dádiva tendo em vista as culturas indígenas?

É muito comum uma equipe de filmagem chegar numa área indígena e oferecer 30 mil dólares para filmar, e os índios conversarem entre si e fazerem uma contraproposta, 40 mil dólares, e fecharem o negócio. Fica combinado. Então se faz o filme e a equipe acha que resolveu o problema. Paga diretinho e coisa e tal. Quando o filme sai, o diretor recebe um telefonema dizendo o seguinte: "Você está nos devendo dinheiro, você roubou da gente!". Aí ele diz: "Peraí, eu assinei um papel, eu já dei os 40 mil", e os índios: "Não, mas você não pagou não-sei-o-quê", ou então "não foi para todo mundo". Aí ele de repente se dá conta de que os índios têm uma concepção da transação, da relação social em geral, radicalmente oposta à nossa. Quando fazemos uma transação, entendemos que ela tem começo, meio e fim, eu lhe dou um troço, você me paga, estamos quites, você vai para um lado, eu vou para o outro. Ou seja, a transação é feita em vista de seu término. Os índios, ao contrário: a transação não termina nunca, a relação não termina nunca, começou e não vai acabar nunca mais, é para a vida inteira. Ao pedir mais dinheiro, não é exatamente o dinheiro que os índios querem, mas a relação. Eles não aceitam que acabou o lance, acabou coisa nenhuma, agora é que vai começar. Donde os famosos estereótipos: os índios pedem o tempo todo. Sim, pedem. E reclamamos que o que eles obtêm é jogado fora de repente: as aldeias ficam cheias de objetos descartados que os índios pediram para nós, insistiram até conseguir, e quando conseguem não cuidam, jogam fora, deixam apodrecer, enferrujar. E os brancos ficam com aquela ideia de que esses índios são uns selvagens mesmo, não sabem cuidar das coisas. Mas é claro, o problema deles não é o objeto, o que eles querem é a relação. Uma vez a relação se mantendo, o objeto cumpriu sua função. Essa é a ideia da relação como algo interminável: a dádiva. Toda dádiva é interminável, é uma relação interminável. Toda dádiva produz uma dívida, e essa relação da dádiva com a dívida é uma relação propriamente interminável. Uma relação aberta vai ter que ser mantida, e só vai ser rompida se houver alguma violência. E mesmo assim: a

violência ela própria é uma relação. A vingança é parte da lógica da dádiva. O duplo estereótipo de que todo índio é ladrão (comum entre os brancos) e de que todo branco é sovina (comum entre os índios) define de maneira emblemática o abismo que existe entre duas concepções inconciliáveis do laço social.

Esse é um sentido de dádiva, mas existe outro que é o da dádiva gratuita, divina...

Esse dom gratuito, unilateral e total, não existe entre os índios de forma alguma. Esse é um exercício de poder horroroso, o dom gratuito, Deus me livre de receber um. É o dom que não pode existir, porque se há uma sociedade contra o Estado, para usar a linguagem clastreana, ela não pode aceitar jamais a ideia de um dom gratuito. Dom gratuito é só outro nome do poder absoluto, quem dá de graça é o poder absoluto, porque ele pede tudo em troca. O dom gratuito é aquele cujo pagamento é infinito, porque não tem pagamento. O dom gratuito é aquele que eu não posso pagar, o dom divino.

O anarquismo, ao obrigar a uma interiorização total do controle, acaba levando a isso, não? A uma ideia de dom gratuito...

Eu diria que a anarquia é um regime em que o saque é controlado pela dádiva, enquanto no nosso modelo é o contrário, a dádiva é controlada pelo saque. Se seguirmos as definições mais correntes do capitalismo, ele é baseado no saque, na extração, que é a palavra usada, da mais-valia da força de trabalho. Portanto, é a famosa frase do Proudhon: "A propriedade privada é um roubo", que o Marx odiava, e o Hakim Bey gosta. Proudhon é um dos grandes ídolos de Hakim Bey. A propriedade privada é um saque, é um roubo, portanto o saque está no princípio da relação social capitalista, ela está fundada no saque. Então não é por acaso que os brancos vêem o roubo como o vício favorito dos índios, porque você vê no outro aquilo que traz consigo, assim como todo índio no fundo vê os brancos como sovinas porque no fundo ele "quer ser" sovina. O sonho indígena, um sonho de escapar do laço social, é um sonho de viver entre si, poder prescindir do outro para existir, como dizia Lévi-Strauss no final das *Estruturas elementares do parentesco*. Isso é um devaneio final do Lévi-Strauss, dá uma ideia de que a maior parte dos mundos póstumos das sociedades indígenas são mundos nos quais o incesto é livre, todo mundo casa com a irmã, com a mãe, não tem afins, não tem cunhados, porque no fundo para os índios o paraíso é um lugar onde você

não precisa dos outros. O paraíso é o lugar onde você é auto-suficiente, portanto auto-produtivo, e o outro é desnecessário, o que sugere, *a contrario*, que a vida social está radicalmente fundada na relação com o outro. Em outras palavras: só não tem outro quem está morto. É justamente isso que eles estão dizendo, uma maneira irônica de dizer "Olha, só não tem cunhado quem tá morto". Aqui na terra não tem escapatória, é o regime da dádiva, só escapa da dádiva quem está morto... Então os índios "são" sovinas, o imaginário deles está obcecado pela questão da avareza, a avareza é o insulto maior que você pode fazer e receber numa sociedade indígena, qualquer um que viveu lá sabe, o maior insulto não é dizer que sujeito é ladrão; também não chega a ser um insulto terrível chamar alguém de mau-caráter ou mentiroso; agora chamar o cara de avaro, de sovina, é sério; pode dar morte... E é o que eles mais dizem dos brancos: os brancos são constitutivamente *os sujeitos que não dão*, que se recusam a entrar nas relações sociais, precisamente. O cara vai dar a filha para o branco casar, como no famoso modelo tupinambá: dá a filha para o português casar esperando abrir uma relação, "ele agora me deve, ele é meu, porque me deve a filha que eu dei para ele em casamento", e o branco se recusa a se comportar como um genro deveria, que é pagar tudo para o sogro e fazer o que o sogro manda, manter a relação funcionando. Os índios ficam escandalizados com a falta de senso social, falta de inteligência, na verdade, dos brancos. Porque os brancos não entendem. Acho que essa é a sensação profunda que os índios têm diante da nossa sociedade, os brancos *não entendem nada* do que é uma sociedade. E é verdade, eles entendem muito sobre como fazer objetos, fazem coisas maravilhosas, objetos espetaculares, são grandes tecnólogos, fazem milagres, objetos que a gente não entende como funcionam, são verdadeiros demiurgos tecnológicos; mas no que diz respeito à vida social, são de uma ignorância insondável. A sensação que eu tenho é que eles nos tratam como crianças, porque eles sabem que a gente não tem a menor idéia de como funciona uma sociedade. E nós os tratamos como crianças, porque achamos que eles não sabem mexer com as coisas mais elementares, não sabem operar um videogame, não sabem matemática...

E como você vê a relação entre o Creative Commons e a dádiva?

O Creative Commons é uma tentativa, a meu ver altamente meritória. Eles estão tentando evitar que o mundo virtual seja cercado, assim como foi o

mundo geográfico. Que ele seja privatizado. É uma tentativa de manter a informação como um bem de domínio público. O grande ponto para o Creative Commons é que a informação não segue o regime da soma zero, que ela pode ser passada para frente e não diminui com isso. Isso não significa que um autor deva ser plagiado; o ponto é facilitar a circulação. O grande processo que iniciou a Revolução Industrial inglesa foi o cercamento dos campos comunais das aldeias, usados por todos para pastagem etc., que eram os *commons*. Por isso que o projeto se chama Creative Commons. Os *commons* eram as áreas das comunidades rurais inglesas que eram de uso comum. As terras de agricultura em geral eram terras sem cerca, as divisões eram consensuais, você tinha a noção costumeira de onde começava e acabava a terra de alguém. Depois os grandes proprietários começaram a comprar o terreno, colocar cerca, impedir a circulação. O Creative Commons é uma tentativa de reconstituir esse regime da apropriação comum, do uso comum, do uso coletivo, no plano dos bens intelectuais, dos bens imateriais. A ideia é que o *copyright* significa "all rights reserved" e o Creative Commons significa "some rights reserved". E você diz quais são eles. Existem várias fórmulas, vários tipos de licenças abertas. Trata-se de tentar criar um modo de coabitação no plano da informação que seja tolerável, e que evite o que está acontecendo, que é o controle da informação pelas grandes companhias. Agora isso tudo ainda é, de certa forma, um paliativo. O Creative Commons pode ser visto, como o é efetivamente pelos mais, digamos, radicais, como um estratagema capitalista. O verdadeiro anarquista não quer saber de Creative Commons nem de *copyleft*, é totalmente radical. A princípio estou com eles, acho a propriedade privada uma monstruosidade, seja ela intelectual ou não, mas sei também que não adianta dar murro em ponta de faca, tapar o sol com a peneira. Acho que você tem que transigir, tem que fazer algum tipo de negociação. O Creative Commons é um grande avanço intelectual.

Até agora você está falando do veículo, e fico imaginando como isso se reflete na criação. A ideia de *sampler*, por exemplo, que é uma radicalização da ideia de citação.

Esse é o ponto. O Creative Commons está tentando consagrar do ponto de vista jurídico o processo de hibridização, a antropofagia, o saque positivo, o saque como instrumento de criação. Estão tentando fazer com que o saque e a dádiva possam se articular. Eu sampleio e dou, não é "eu sampleio e vendo,

vou ficar rico", a ideia é "sampleio, mas também dou", um processo em que saque e dádiva se tornam, de alguma maneira, mutuamente implicados um no outro. A citação, que é o dispositivo modernista por excelência de criação, é na verdade o reconhecimento de que não há criação absoluta, a criação não é teológica, *ex nihilo*, você sempre cria a partir de algo que já existe. Como a famosa frase do Chacrinha: "Nada se cria, tudo se copia". E como se sabe, nada se copia igualzinho, ao se copiar sempre se cria, quanto mais igual se quer fazer mais diferente acaba ficando: a "contribuição milionária de todos os erros", dizia Oswald de Andrade, darwinista infuso. Foi de tanto falar latim que os europeus acabaram falando português, francês, espanhol...

Lautréamont dizia que "a poesia deve ser feita por todos, não por um". Ele parece ser um bisavô disso tudo.

É, na verdade, toda nossa teoria da criação é a de que existe uma oposição radical, uma oposição intransponível entre criação e cópia. O criar e o copiar são os dois extremos de um processo, quer dizer, o criador é aquele que precisamente tira de si tudo o que precisa, e o plagiário é aquele que tira dos outros. O plagiário é um saqueador, e o criador é o doador absoluto. A dádiva é uma modalidade da criação, a criação é uma modalidade da dádiva, talvez a criação seja a dádiva pura, e aí você vê bem as raízes teológicas desse modelo: Deus criou o mundo do nada, tirou de si mesmo. A criação é o modelo do poeta, do criador como uma divindade no seu próprio departamento, que é o modelo romântico do gênio como um criador, um pequeno deus, uma pequena divindade, que tira de si mesmo a criação.

Do outro lado está o plagiário, o diluidor.

Isso está inclusive na célebre tipologia poundiana difundida pelos irmãos Campos: o mestre, o inventor e o diluidor. Ora, o que foi de alguma maneira se consolidando na consciência moderna é a ideia de que a criação precisa da cópia, a ideia da bricolagem de Lévi-Strauss, de que toda criação nasce numa espécie de permutação realizada sobre um repertório já existente. O fato de que não há nada *absolutamente* novo não torna o novo menos novo. Tudo já foi feito, não há nada de novo debaixo do sol, toda linguagem é finita, aquela coisa do Barthes, você só pode dizer o que já foi dito porque a linguagem restringe – isso é uma falsa alternativa. Hoje cada vez mais a matéria-prima sobre a qual a criação artística se exerce é a própria arte. Samplear tem um

pouco disso: você está pintando a pintura e não mais a natureza; você está escrevendo a literatura. O sampler está redefinindo o estatuto da citação... Eu comecei a discutir algo assim no nosso site *AmaZone*. Nós só temos um dispositivo citacional, antigo, e aliás nem tão antigo assim, que são as aspas. Uma invenção complexa, um objeto muito mais complicado semanticamente do que parece. Mas está na hora de começarmos a inventar outras maneiras de articular discursos que não sejam as aspas, e o sampler é uma delas. Com o sampler você passa do todo à parte, da parte ao todo, do outro para você e de você para o outro sem costura...

O xamanismo faz muito isso, esse uso aberto de discursos alheios.

Exatamente. E existe o discurso indireto livre, que é uma invenção genial do romance do século XIX, que Bakhtin caracterizou magistralmente. É uma outra maneira interessantíssima de citar sem citar, meio mal-falada fora da literatura por ser considerada desonesta: pôr a palavra na boca dos outros. Mas acho que o discurso indireto livre é o discurso de base, é a forma básica da fala, é pôr-se na cabeça do outro e começar a dizer, a falar como se fosse o outro, raciocinar a partir do outro. Mas entre o discurso indireto livre e as aspas há muitas outras coisas. A possibilidade tecnológica que você tem hoje de cortar as coisas em lugares que antes não podia, há outra margem de manobra. Daí a importância do *copyleft*, porque ele permite que você dessubstancialize a obra, permite que ela seja distribuída, no sentido de *distributed cognition*. Quer dizer, ela se torna um objeto que pode divergir, heterogeneíza a obra. Uma obra que tem uma tendência, sobretudo a partir da época romântica, de ser vista como uma totalidade orgânica. A ideia da organicidade da obra, do caráter de ser uno e total. O que se vê hoje é que a obra é tudo menos una e total, a criação artística produz objetos que são tudo menos unos e totais. A famosa obra aberta do Umberto Eco, que já é um conceito antigo. Estamos na verdade fazendo um replay de discussões da década de 1960 e 70, ou antes ainda, o *ready-made* do Duchamp, e assim por diante. Um replay está sendo feito simplesmente porque agora existe uma potência tecnológica, uma possibilidade de atualização dessas discussões e de implementação que elas não tinham antes.

Isso traz uma questão curiosa. O artista está virando mais um arranjador, um montador, do que um criador, digamos assim. Não é à toa que os DJ viraram

ARTISTAS, E NÃO É À TOA QUE O DOCUMENTÁRIO GANHOU TANTO ESPAÇO. COMO SE NÃO HOUVESSE MAIS NECESSIDADE DE CRIAR INFORMAÇÃO NOVA. É MUITO FÁCIL BATER NA AUTORIA E ESQUECER OS OUTROS LADOS RICOS E COMPLEXOS QUE ELA TEM TAMBÉM. QUANDO SE ESVAECE CERTA IDEIA DA CRIAÇÃO, NÃO SE CONSEGUE ABSORVER A INFORMAÇÃO DISPONÍVEL, NÃO SE COMPREENDE PARA PODER REFAZER.

O que pode ser repensado é o estatuto da noção de criação, não para dizer que não é mais possível criação, mas para redefini-la de uma maneira criativa, digamos assim. Temos que criar um outro conceito de criação. Trabalhamos atualmente com um conceito, por um lado, velho como o cristianismo (criação bíblica) e, por outro lado, com o do romantismo, a criação como manifestação, emanação de uma sensibilidade *sui generis* do indivíduo privilegiado. Esses dois modos de conceber a criação não dão mais conta do que está se processando nesse mundo atual. Está havendo tanta criação quanto havia antes, não creio que esteja havendo menos. O que houve foi uma mudança das condições. Mudaram as condições de criação, mudaram as condições de distribuição. Mas Beethoven não vai aparecer de novo, não porque um gênio como Beethoven não pode aparecer de novo, não é esse o problema. Pode aparecer com certeza, se é que já não há um milhão deles por aí, talvez tenha muito mais do que naquela época, já que há muito mais gente no planeta. O que não existe são as condições iguais às que tinha Beethoven para ser um Beethoven. As condições de restrição do ambiente cultural da Europa, o tipo de formação cultural que existia, o tipo de tradição de transmissão da informação. Os "Beethovens" de hoje tão fazendo outra coisa, não sei o quê exatamente. A criação artística está ficando cada vez mais parecida com a criação científica, que sempre foi um trabalho em rede, em que você trabalha em cima do trabalho dos outros, que exige todo um aparato institucional complexo de produção propriamente coletiva.

MAS É ENGRAÇADO QUE A CIÊNCIA FICOU A PARTIR DESTE SÉCULO MUITO ATENTA À ARTE. E AGORA A ARTE ESTÁ COMEÇANDO A SE ABRIR TAMBÉM...

A famosa história das duas culturas, a tese do C. P. Snow, segundo a qual havia duas culturas no Ocidente moderno e que esse era o grande problema do Ocidente: o abismo entre as ciências e as humanidades. Não sei se sempre houve isso, acho que não, mas de qualquer maneira hoje certamente isso acabou, porque hoje a produção artística exige um substrato tecnológico poderoso e, por outro lado, a ciência, no que realmente vale a pena fazer, está

contemplando questões de natureza metafísica e cosmológica que envolvem necessariamente o recurso a outras espécies de linguagem.

Neste sentido, você prefere o saque à dádiva?

Nós temos que virar Robin Hood. Saquear para dar. O ideal é mesmo tirar dos ricos para dar aos pobres. É isso aí, sempre foi e sempre será. A antropofagia o que é? Tirar dos ricos. Entenda-se: "vamos puxar da Europa o que nos interessa". Vamos ser o outro em nossos próprios termos. Pegar a vanguarda europeia, trazer para cá, e dar para as massas. "A massa ainda comerá do biscoito fino que eu fabrico". A internet, ou as novas tecnologias de informação, ou as novas formas de criação, permitem que nós possamos, nós todos, realizar nosso sonho de infância e nos tornarmos Robin Hood. Quem não quis ser Robin Hood? E depois, como o mundo virou brasileiro, "tudo é Brasil", a antropofagia mudou um pouco de contexto. A antropofagia deu certo, nesse sentido.

Commons
Creative
direito
grande
gente
internet
Brasil
autoral
ainda
acesso
acho
acaba
acordo
digital
cultura
hoje
direitos
questão
vai
sociedade
ser
porque
pessoas
qualidade
rede
poder
mídias
Internet
falar
icann
fato
exemplo
Então
existe
muita
neutrality
net
ninguém
possível
público
novo
regras
todas
tudo
sistema
seguinte
totalmente
tecnologia
todo
YouTube
ter
tipo
Unidos
sociais
política
possibilidade
processo
outras
própria
quiser
passa
legislação
mercado
interessante
importante
lógica
Hoje
jeito
grandes
forma
mídia
inteligência
neutra
pensar
obra
neutralidade
perder
novas
nichos
novelinha
medida
legal
momento
esferas
irrelevante
formas
duas
inclusão
jogo
maioria
dizer
esfera
Estados
informação
disso
entidade
enquanto
evolução
descentralização
assim
controla
dessa
daquela
contribui
consegue
construir
cada
apenas
agregador
conteúdo
difícil
discussão
dizendo
cidade
autonomia
coisa
Comércio
América
achar
aberta
aí
acha
anime
Aí
aqueles
sobre
nomes
pontas
muitos
produção
social
querem
pontes
uso
vão
todo
vez
tornando
vê
sociais
sistemas
Latina
dia
tinham
hoje
outro
toda
que

Ronaldo Lemos

Creative Commons

O que é a cultura digital?

Cultura digital é tudo que explora as novas mídias que surgiram e se popularizaram nos últimos 15 anos. A mídia se transformou e com isto surgiu um monte de oportunidades, de relações sociais que eram impossíveis antes deste tipo de mídia descentralizada de duas vias que a gente tem hoje. É a historia do trem, da estrada de ferro que chega na cidade e aquilo muda completamente a forma em que as pessoas vivem. O que a gente está vendo hoje é um novo tipo de estradas virtuais, novos caminhos e novas formas das pessoas se conectarem, que estão reestruturando completamente a forma de como a cultura é feita. Essas novas mídias estão mudando de forma transversal todas as organizações de relacionamento, com impacto em todas as esferas: a cultura, a política, a ciência, o direito, a economia.

Esse processo passa também pela inserção de pessoas no mercado de cultura formal, que antes estavam à margem.

Sim, e o grande desafio desse inserção das classes D e E na economia de cultura é a questão da informalidade, porque é um mercado na sua grande maioria informal. É importante a gente estar preparado e criar formas de construir pontes entre estes dois mundos e uma das pontes é como você dá

os incentivos para a formalização sem perder as flexibilidades que foram construídos neste mercado informal. Você tem que aprender com o que foi feito lá, quais são as barreiras que não existiram lá, que permitiram este vigor econômico, e fomentar que isso possa ser formalizado. O que a gente está vivendo hoje e acho que é o grande impacto da cultura digital não só Brasil mais também globalmente é a forma com que ocorre uma emancipação cultural destas periferias que não precisam mais do centro para produzir a sua própria cultura e para produzir modelos de sustentabilidade para inclusive financiar a produção. E é muito interessante, porque eles trabalham com uma lógica inversa do habitual. Não é uma lógica de proteção, de exclusividade, é uma lógica de um Commons não jurídico, porque ele não é estabelecido por uma legislação de direito autoral ou por um uso de licenças abertas, mais por um Commons social, que é criado por situação de fato em que as pessoas tratam a sua produção de conteúdo como uma obra aberta cuja finalidade é ser compartilhado. Eu tenho trabalhado muito esta distinção de Commons legais e Commons sociais. Commons legal é quando você usa o aparato do direito autoral para dizer a obra é livre. Já para esta realidade periférica, é um lugar em que a relevância do direito autoral é totalmente diferente, ele é totalmente irrelevante ou é desconhecido, ou é inaplicável, ou no mínimo existe um fato, vamos dizer um acordo tácito de não agressão que permite criar uma zona de autonomia de direito autoral. Todas estas situações são muito claras no direito: irrelevância, inaplicabilidade...

Isso é uma característica brasileira?

Não, é uma característica global. É um Commons dado por práticas sociais, por costumes, por situações de fato, em que o direito autoral não é relevante. Quando você olha para o Youtube, tem uma grande quantidade de Commons social ali, porque a maioria das coisas que são compartilhadas no Youtube se você for olhar estão violando direito autoral. Só que ninguém executa, porque o direito autoral é inaplicável, irrelevante ou há um acordo tácito para que aquilo não aconteça.

Existe uma crise generalizada nas mídias tradicionais. Qual o papel da cultura digital nisso, ao trazer a possibilidade de uma informação imediata? Como você vê esse processo? O que você vê de positivo e negativo nisso?

Essa crise estrutural das mídias tradicionais é extremamente complexa. São vários fatores, desde a concorrência com outras mídias até a mudança de hábito do consumidor como um todo. Além disso, com relação à emergência dessa ausência de intermediários, que é real, o que está acontecendo é o seguinte: surgiu um novo competidor para a indústria cultural. Esse competidor é a própria sociedade. Hoje, Hollywood tem que competir com o garoto que está em casa. A rede Globo tem que competir também com esse mesmo garoto que está em casa, fazendo novelinha e colocando no YouTube. E um milhão de pessoas assiste a essa novelinha. Isso é um dado muito novo, é algo muito recente, e que realiza uma transferência de poder. Este poder sai do produtor de conteúdo, que se torna descentralizado, e passa para o agregador. Por exemplo, qual é o grande ativo financeiro do YouTube? O fato de ele ser acessado e ter se tornado um ponto de convergência. A tecnologia do YouTube é, em certa medida, trivial. Existem hoje vários programas similares ao YouTube, até no Brasil. O Videolog é o YouTube brasileiro. O importante é ser escolhido como o agregador dos conteúdos, e não necessariamente produzi-los. Agora, a grande questão que o agregador põe ao entrar como foco central dessa nova sociedade descentralizada é saber com que regras ele vai jogar. Aí você tem desde modelos muito fechados como, por exemplo, as iniciativas de jornalismo participativo no Brasil, que são muito peculiares. Não vou citar nomes, mas quando se contribui como jornalista cidadão para algumas empresas, você tem que aceitar um contrato que diz o seguinte: "Tudo que você escrever no meu site me pertence". Então, eu vou lá, contribuo, faço todo o trabalho e ainda cedo todos os meus direitos. Essa é uma regra possível, e utilizada, mas será que é um jeito razoável de jogar? Outra possibilidade, que me parece mais interessante, seria: você contribui, mas a sua contribuição é através de um canal. Os direitos ficam com você e você autoriza, por exemplo, pelo Creative Commons, a sociedade a ter acesso àquele conteúdo. As regras do jogo envolvidas na maneira como vai funcionar esse processo de agregação determinarão o jeito como o poder vai efetivamente se distribuir.

Qual é a qualidade da expressão que está sendo colocada? Perdemos a mediação e a triagem e isso cria um horizonte de democratização, ou de descentralização, se você preferir. Por outro lado, a qualidade da expressão e a qualidade da subjetividade a ela atrelada passam por uma remodelagem ainda incógnita, certo?

Olha, a questão da qualidade está se tornando reflexiva também. Qual é o parâmetro de qualidade? A grande questão é que, quando há essa formação de nichos fluidos, a qualidade é determinada pelos próprios nichos. E a coisa mais interessante, se você acha que aquilo não é legal, é só não ter contato com aquilo. Por exemplo, quem não gosta de anime não sabe nem que isso existe, mesmo que os eventos de anime em São Paulo reúnam 50, 100 mil pessoas, atraindo mais gente que muitos festivais de música. E isso é uma coisa que ainda não foi percebida. As pessoas ainda vêem isso como subcultura, como subnicho. Então, a qualidade é totalmente reflexiva.

Não há o risco de criação de uma sociedade inteiramente segmentada, com ausência de diálogo?

Essa é uma das grandes preocupações que, embora não seja nova, está se tornando cada vez mais urgente. Jeremy Rifkin escreveu sobre isso, dizendo que o grande desafio daqui para frente será restabelecer um canal para a ação comunicativa comum, e que a ação comunicativa vai se perder, porque cada um vai se dividir em esferas de valores que não se comunicam umas com as outras. Então, como achar um denominador comum, que coloque essas esferas para conversar?

Eu sou pessimista em vários assuntos. Com relação à propriedade intelectual, acho que o direito vai se radicalizar, e tudo isso que está surgindo agora vai ser abortado juridicamente, ou atrasado substancialmente por 20, 30 anos. Mas nessa questão eu sou otimista, acredito que as pessoas vão acabar reinventando um modo de esfera pública coletiva, e que essa esfera pública não só vai ser reinventada como vai ser fortalecida.

Existe um processo de condensação de todas as mídias em uma só, a digital. Isso não traz riscos? Se a internet perder sua independência, não se tornará difícil a resistência de ideias e estéticas outras?

Esse perigo existe e é gravíssimo, porque o grande risco que a internet sofre hoje é o do engessamento. É de se congelar o estado de evolução da internet no momento em que ele se encontra. Esse debate é chamado de a questão da neutralidade da rede, *net neutrality*. O que significa *net neutrality*? Alguns serviços de provedores de Internet querem que ela se congele agora, e que se transforme pura e simplesmente em um mecanismo de reprodução do modelo de *broadcast*. Quem for grande e estiver distribuindo muita infor-

mação, vai ter que pagar mais caro pelo uso. Quando isso acontece, você elimina a possibilidade do usuário pequeno e sem dinheiro para falar com muita gente. Só vai poder falar com muita gente pela internet quem tiver dinheiro. Essa é a discussão sobre a *net neutrality*.

Como isso se conecta com a sua questão? Da seguinte maneira: enquanto a internet for neutra, e por neutra eu quero dizer burra, enquanto a inteligência estiver apenas nas pontas e não no meio, você tem uma internet aberta para se desenvolver de forma ilimitada. Vou dar um exemplo disso. O telefone é uma tecnologia cuja inteligência só está nas pontas. Não existe inteligência no circuito. O circuito passa o que você quiser. A inteligência só está nos aparelhos que recebem. Por causa disso, houve uma evolução gigantesca dos aparelhos que poderiam ser usados nas pontas e das mídias que iam surgindo a partir deles. Do telefone passou-se ao fax, do fax passou-se à conexão *dial up*, a conexão *dial up* virou DCL. O fato de aquela rede ser neutra propiciou o surgimento de evoluções. A questão da neutralidade da rede é a seguinte: enquanto se mantiver a internet neutra, não é possível prever o tipo de evolução. A evolução é ilimitada. Na medida em que eu acabar com essa neutralidade e transformar a rede num sistema monocórdio, que só opera por uma única tecnologia, aí estaremos perdidos. Nesse ponto, eu acho que a sua preocupação é muito séria, porque o blog individual não consegue falar com muita gente e se ele não consegue falar com muita gente na internet, significa que ele não consegue falar com ninguém. Na internet, ou você fala com muita gente ou você não fala com ninguém. Porque você não sabe quem é o seu público. O requisito de poder falar com todo mundo é fundamental para você achar seu público. Senão, acaba com o nicho, acaba com tudo. Se a questão da *net neutrality* vier a ser regulamentada nos Estados Unidos, como hoje há uma briga política imensa para que isso aconteça, aí sim a internet se congela do jeito que está hoje, sobrando espaço apenas para os grandes e para os grandes que estão estabelecidos. Aí você tem o pior dos mundos.

Até porque é muito difícil voltar atrás para as antigas mídias.

Impossível. Você perde toda aquela coisa originária do século xx, que ainda trazia algo da contracultura dissolvida, e a possibilidade de ela renascer nesses novos meios abortada.

E quais são as alternativas possíveis para isso?

Uma pessoa extraordinária aqui no Brasil é o Silvio Meira, do Cesar, o Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife. O Silvio tem defendido uma proposta que eu acho fabulosa, e talvez essa discussão passe por isso. Ele acha que toda cidade tem que construir a sua rede de comunicação própria, pública, para realmente descentralizar. Assim como há um sistema de água, deve ser construído um sistema de informação próprio e público. Canaliza-se fibra ótica em todas as cidades, aquilo é um patrimônio público, ninguém nunca vai mexer. Pode construir a rede que você quiser, mas aquela cidade tem uma rede de fibra ótica própria. E aí as cidades se interconectam entre si. Isso é fundamental, pois a *net* hoje é privada.

E centralizada. Ela pode ser quebrada. O que eu fico pensando é que, em último caso, pode-se desligá-la.

Exatamente. Não só é possível desligá-la, como existe também uma entidade nos Estados Unidos chamada ICANN (Internet Corporation for Assigned Names and Numbers) que controla o registro geral da internet, os nomes de domínio. Quando se digita um endereço de Internet, o que permite que um computador no Japão ou no Brasil acesse esse endereço é o sistema de endereçamento mantido pela ICANN. E a ICANN é uma entidade norte-americana, constituída sob as leis da Califórnia e regida por um memorando de entendimento com o Departamento de Comércio dos Estados Unidos, que tem o poder de cassação dos seus direitos.

Ou seja, o Departamento de Comércio dos EUA tem um poder invisível.

Total. Quando começou a guerra do Iraque, a ICANN desligou o Iraque. Esse é o absurdo. Hoje, o Brasil lidera uma iniciativa na América Latina de descentralização da internet, de trazer os chamados servidores-raiz para a América Latina. Hoje há servidores-raiz, se eu não me engano, em apenas oito lugares do mundo. É o servidor-raiz que controla a internet. É como se fosse o *switch* da Telefônica. Ele que controla o endereçamento. O Brasil está na ponta de uma proposta de autonomia da América Latina no gerenciamento da Internet regional. Assim, estaríamos fora do domínio da ICANN. Mas isso não vai acontecer. Já saiu um comunicado neste mês de dezembro, publicado no site da ICANN, dizendo o seguinte: "Querem ser autônomos? Então vão ter que ser autônomos de acordo com as minhas regras". E editaram um comunicado que diz assim: "Regras para concessão de autonomia regional". Um total

paradoxo. Isso foi feito na semana passada. Essa batalha está em curso, e é brutal. E não é uma batalha que está na esfera pública.

Como é que você vê o Creative Commons no Brasil hoje?

Não dá mais para ignorar a questão do Creative Commons, e isso já é uma mudança substancial. E está cada vez mais difícil que se impeça o autor de dizer para a sociedade, sem intermediários, que ela pode ter acesso à obra dele. A grande força do Creative Commons é o fato de ele ser voluntário. Só usa o Creative Commons quem quiser. A grande questão hoje é o que está em jogo não é a efetividade do direito autoral, o que está em jogo é a legitimidade da base jurídica do sistema político, porque quando você tem uma legislação que é tão desrespeitada quanto esta, por milhões de pessoas, em que a população expõe uma opinião totalmente distinta daquela que leva a formação daquela legislação, tem alguma coisa errada, não no direito autoral, mais sim no sistema político e nas formas de representação democrática. E esta eu acho que é a grande preocupação. Vivemos hoje um momento que afeta não apenas o Creative Commons, mas a emergência de todas essas mídias colaborativas. Trata-se do momento em que isso está adquirindo uma conotação política. Pode-se discutir o tipo de sociedade que queremos construir. Uma sociedade plural ou uma sociedade monocrática? Uma sociedade em que o indivíduo tem poder de falar para muitos, ou só tem poder para falar para determinadas instituições constituídas? O Creative Commons acaba entrando nessa grande discussão, acaba participando e sofrendo como tudo mais está sofrendo na construção dessa mídia colaborativa.

Mas num país onde a inclusão digital ainda é pífia, você acha que ele está tendo que papel?

Esse é outro debate importante. Eu sou contra o "etapismo", a ideia de que primeiro precisamos promover a inclusão digital para depois pensar em Creative Commons. Se a gente for pensar assim, a gente já perdeu, porque aí, quando tiver inclusão digital, já não existe mais possibilidade de Creative Commons, já foi para o buraco, vai estar tudo dominado. Precisamos das duas coisas ao mesmo tempo. É preciso garantir o acesso ao conhecimento, o acesso à cultura, ao mesmo tempo em que se garante o acesso à internet, o acesso aos meios físicos. Se a gente for pensar em fases, já perdeu.